

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE

CAMPUS TOLEDO

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL E AGRONEGÓCIO

DÓRIS MARIANI JUNGES

JOVENS RURAIS DE IRACEMA DO OESTE

Toledo

2009

DÓRIS MARIANI JUNGES

JOVENS RURAIS DE IRACEMA DO OESTE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - *Campus* Toledo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese.

Toledo

2009

Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca Universitária
UNIOESTE/Campus de Toledo.

Bibliotecária: Marilene de Fátima Donadel - CRB – 9/924

Junges, Dóris Mariani

J95j Jovens rurais de Iracema do Oeste / Dóris Mariani Junges.]
-- Toledo, PR : [s. n.], 2009.
xv ; 65 f.

Orientador: Dr. Silvio Antônio Colognese
Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e
Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.
Campus de Toledo. Centro de Ciências Sociais Aplicadas

1. Iracema do Oeste (PR) - Migração 2. Juventude rural –
Iracema do Oeste (PR) 3. Juventude rural - Comportamento 4.
Desenvolvimento rural 4. Vida rural 5. Modernidade 6.

Migração rural-urbana I. Colognese, Silvio Antônio II. T.

CDD 20. ed. 338.1098162
325.8162

DÓRIS MARIANI JUNGES

JOVENS RURAIS DE IRACEMA DO OESTE

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE - *Campus* Toledo, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Dr. Silvio Antônio Colognese
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Alfredo Aparecido Batista
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Prof. Dr. Marcelo Grondin Nardon

Toledo, 24 de fevereiro de 2009.

*A meu pai Irineu (in memoriam), por me
incentivar na busca pelo tesouro maior a
ser conquistado: o conhecimento.*

*A meu marido José, minhas filhas
Alethéa e Natália pelo companheirismo e
compreensão.*

Dedico com muito amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus acima de tudo, por permitir a concretização desta etapa, me proporcionando lucidez para superar as dificuldades.

A Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – através do Curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pelos ensinamentos.

A coordenação e funcionários do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela acolhida.

Ao Professor e orientador Dr. Silvio Antônio Colognese, pelo apoio em todas as etapas deste trabalho, minha grande admiração.

A minha família, mãe, irmãos, cunhados pela motivação e companheirismo.

Ao colega de trabalho Luiz Alberto Langoski por facilitar e apoiar a concretização deste sonho.

Aos professores do Curso de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional e Agronegócio pela oportunidade.

A colega do curso Sandra Cristiana Kleinschmitt amiga e companheira em todas as dificuldades enfrentadas nesta trajetória.

*"Já inspecionei a proa, amarrei a carga,
desatei a vela. O vento sopra forte e
enfuna meu coração de alegria. Agora é
contigo, Senhor. Toma o leme e risca o
rumo do meu barco, não penses que irei
por este mar sozinho"*

Jamil Snege

JUNGES, Dóris Mariani Junges. Jovens Rurais de Iracema do Oeste. 2009. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* Toledo.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi apontar o perfil de jovens rurais de Iracema do Oeste. A literatura analisada aponta para uma tendência imigratória ainda expressiva em todo o país rumo ao meio urbano e para a inexistência de estudos voltados àqueles jovens que permanecem no meio rural. A formulação do problema de pesquisa baseou-se então nos motivos da permanência dos jovens no campo. A hipótese testada no presente estudo foi a de que a permanência de jovens de Iracema do Oeste no meio rural se justificaria pelas facilidades de acesso à serviços outrora só encontrados no meio urbano. As melhorias no campo, decorrentes da modernização ocorrida nas últimas décadas, apontadas pelos autores na revisão bibliográfica, estaria ampliando uma rede de serviços, abrindo novas possibilidades de consumo para as populações rurais. Os jovens rurais também não estariam mais isolados. Os meios de comunicação, as facilidades de transporte, os sistemas de telefonia e as condições de estudo aproximariam o campo e a cidade. Além destes fatores e mudanças no cenário rural, a pluriatividade, sinônimo de diversificação do uso dos espaços rurais, aliada às mudanças mencionadas, poderia ser uma alternativa de renda e de permanência dos jovens no campo. Contudo as hipóteses levantadas não se confirmaram. As respostas obtidas por meio de questionários aplicados a jovens rurais de Iracema do Oeste mostram que, a escolha pela permanência na área rural está pautada a uma avaliação positiva sobre o próprio modo de vida, porém com o avanço da idade e a necessidade de se estabelecerem profissionalmente, a escolha por deixar o campo é eminente. A possibilidade de obtenção de renda própria também não se confirmou, mesmo em propriedades de produção diversificada. A tendência pela permanência é evidenciada nos jovens pertencentes a famílias de até quatro componentes, que possuem propriedade própria, que não trabalham fora da propriedade, sem renda própria e com baixo nível de escolaridade.

PALAVRAS-CHAVE: Migração, jovens, rural, urbano.

JUNGES, Dóris Mariani Junges. Rural Youths from Iracema do Oeste. 2009. Dissertation (Master course in Regional Development and Agro business) – State University of Western Paraná – Campus Toledo.

ABSTRACT

This study indicates the profile of young rural de Iracema do Oeste. The analyzed literature points an immigratory tendency still expressive throughout the world direct to the urban environment and for the inexistence of studies related to those youths who remain in the countryside. The formulation of the research problem based in the reasons of the countryside youths remain. The tested hypothesis in the current study was that the remain of the youths from Iracema do Oeste in the countryside would justify for the access facilities to services once only found in the urban environment. The countryside improvement deriving from the modernization occurred in the last decades, pointed out by the authors in the bibliography review would be amplifying a franchise, opening new possibilities of consumption for the population from the countryside. The rural youths also would not isolate anymore. The means of communication, the transport facilities, the telephony systems and the study conditions would approximate the countryside and the city. Beyond these factors and changings in the countryside, the pluriactivity, synonym of the diversification of the use of the rural space, joined the mentioned changings, could be an alternative of income and the abidance of the youths in the countryside. Nevertheless the raised hypotheses are not confirmed. The obtained replies through questionnaires applied to youths from the countryside from Iracema do Oeste show that the choice for the abidance in the countryside is regulated to a positive evaluation about their own lifestyle, however with the advance of the age and the necessity of having a profession, the choice of leaving the countryside is eminent. The possibility of self income acquiring also did not confirm, even in properties of diversified production. The tendency for the abidance is clearly in the youths from families until four components that possess self property that do not work out of the property without self income and with low level of schooling.

KEY-WORDS: Migration, youths, rural, urban.

LISTA DE TABELAS

TABELA 01 – Percentual População Urbana e Rural – Brasil- De 1.950 a 2.000	8
TABELA 02 – População Urbana e Rural – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – De 1950 a 2005.....	9
TABELA 03 – População Jovem Urbana e Rural – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – De 2001 a 2005	9
TABELA 04 – Serviços básicos Iracema do Oeste – 2008.....	25
TABELA 05 – Participação do PIB Municipal de Iracema do Oeste – 2009	25
TABELA 06 – Empregados em 31/12/2007 e subsetores em Iracema do Oeste.....	25
TABELA 07 – Matrículas ensino em Iracema do Oeste – 2007.....	26
TABELA 08 – Tipos de estabelecimentos Iracema do Oeste – 2007	27
TABELA 09 – Produção agrícola municipal – cereais, leguminosas e oleaginosas – 2007...	27
TABELA 10 – Estabelecimentos agropecuários Iracema do Oeste – 2006.....	28

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – População rural/total Brasil – Projeção FAO	8
FIGURA 02 – Localização geográfica Iracema do Oeste Paraná	24
FIGURA 03 – Percentual de pessoas de 18 a 24 anos com acesso ao ensino superior - Municípios da Microrregião de Toledo -2000.....	26
FIGURA 04 – Pergunta: Você gosta de viver no campo?.....	31
FIGURA 05 – Pergunta: Você pretende viver para sempre no campo?.....	32
FIGURA 06 – Destino dos que pretendem migrar	33
FIGURA 07 – Idade dos entrevistados.....	34
FIGURA 08 – Idade dos jovens que pretendem ficar no campo.....	35
FIGURA 09 – Sexo	35
FIGURA 10 – Sexo e intenção de sair do campo.....	36
FIGURA 11 – Relacionamentos.....	37
FIGURA 12 – Pergunta: Você participa das decisões da família?.....	37
FIGURA 13 – Pergunta às jovens rurais: Você participa das decisões em família?.....	38
FIGURA 14 – Pergunta aos jovens rurais: Você participa das decisões em família?.....	38
FIGURA 15 – Opções de lazer.....	39
FIGURA 16 – Liberdade/autonomia para sair	40
FIGURA 17 – Veículos e meios de transporte da família.....	41
FIGURA 18 – A família reside em propriedade própria	41
FIGURA 19 – Tamanho da propriedade em alqueires	42
FIGURA 20 – Números de componentes da família.....	43
FIGURA 21 – Número de componentes na família e intenção em ficar no campo	43
FIGURA 22 – Propriedade e intenção de sair do campo	44
FIGURA 23 – Renda familiar mensal	45
FIGURA 24 – Utensílios da família.....	45
FIGURA 25 – Trabalho – situação geral.....	47
FIGURA 26 – Trabalho feminino	48
FIGURA 27 – Trabalho masculino	50
FIGURA 28 – Escolaridade dos jovens entrevistados.....	50

FIGURA 29 – Escolaridade dos jovens com propriedade própria que pretendem ficar no Campo.....	51
FIGURA 30– Escolaridade dos jovens sem propriedade própria que pretendem ficar no Campo.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS, NOMENCLATURAS E SÍMBOLOS

CONTAG – Confederação dos Trabalhadores na Agricultura.

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

OIJ – Organização Internacional da Juventude.

PEA – População Economicamente Ativa.

UNESCO – Organização das nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.

CEPAL – Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe.

ICMS – Imposto sobre circulação de mercadorias e serviços.

IPVA – Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais – Ministério do Trabalho e Emprego.

SUMÁRIO

RESUMO	viii
LISTA DE TABELAS	x
LISTA DE FIGURAS	xi
LISTA DE ABREVIATURAS, NOMENCLATURAS E SÍMBOLOS	xiii
1 INTRODUÇÃO.....	1
2 CARACERIZAÇÃO	4
2.1 Jovem: Uma definição para a categoria.....	4
2.2 O Jovem rural	6
2.3 Jovens rurais em migração	7
3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	18
3.1 A sinalização de mudanças no meio rural	18
3.2 Problema de Pesquisa	19
3.3 Hipótese.....	19
3.4 Objetivos.....	20
4 METODOLOGIA.....	21
4.1 Revisão literatura metodológica	21
4.2 Fonte de dados	23
4.3 Características Iracema do Oeste.....	24
4.4 Instrumentos de coleta de dados.....	28
4.5 População e amostra	29
5 JOVENS DE IRACEMA DO OESTE	31
5.1 A idade e o sexo dos jovens rurais entrevistados	33
5.2 Os relacionamentos.....	36
5.3 As decisões em família.....	37

5.4 As opções de lazer	39
5.5 A estrutura familiar.....	41
5.6 O trabalho	46
5.7 A escolaridade	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXOS.....	62

1 INTRODUÇÃO

A temática da juventude ocupa um espaço cada vez maior nas Ciências Humanas no século XXI. Várias instituições e pesquisadores concentram cada vez mais recursos em pesquisas voltadas à categoria. Em geral os estudos realizados revelam hábitos de consumo, lazer, perfis socioeconômicos, fatores de vulnerabilidade social, emprego e saúde (FREHSE, 2006).

Apesar das discussões sobre o tema juventude estarem ocupando maior espaço no debate acadêmico contemporâneo, é inegável que a maior parte dos estudos se concentra na abordagem da juventude urbana (CORSEUIL *et al.* 2001).

A problemática da juventude rural nas Ciências Sociais vem sendo abordada desde o século XVIII, mas é durante o século XX que a categoria se firma de fato como objeto de pesquisa.

A partir de então, duas correntes teóricas disputam a explicação da categoria:

- a) a corrente geracional entende a juventude como um conjunto social, cujo principal atributo é ser constituída por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, especialmente ao período de transição entre a infância e a vida adulta, fase em que ocorrem mudanças corporais, de aspectos físicos, emocionais e intelectuais;
- b) a corrente classista relaciona a juventude a um conjunto social diversificado, em que diferentes culturas juvenis se apresentam em função de diferentes pertenças de classe, situações econômicas, parcelas de poder, interesses e oportunidades (GONTIJO, 2006).

Na atualidade, as investigações sobre os jovens rurais ressurgem de forma intensa, baseadas principalmente nas evidências da continuidade da sua migração para o meio urbano, na tentativa de explicar os motivos para este fenômeno.

Estas investigações se justificariam principalmente porque a sobrevivência das unidades de produção familiar estaria relacionada diretamente à permanência dos jovens no campo, para dar continuidade às atividades agropecuárias da família (CAMPOLIM, 2005).

Por isso explicar os motivos deste movimento migratório, no entendimento dos estudiosos, sempre pareceu ser de fundamental importância para desenvolver políticas capazes de desencadear um processo inverso.

Nos estudos já realizados, autores elencam o processo de sucessão familiar, a falta de oportunidades para as jovens e a conseqüente masculinização do campo, a falta de acesso à renda, a busca pela autonomia como sendo os principais motivos de “expulsão” destes jovens do campo.

Um processo histórico, que se acentuou na década de 1970, em virtude do chamado “desemprego tecnológico”, fator que para Singer (1998), está relacionado à introdução de relações de produção que buscavam o aumento da produtividade do trabalho. Estas novas tecnologias culminaram na diminuição da demanda por mão-de-obra no campo e fizeram com que fluxos migratórios se direcionassem as cidades reduzindo drasticamente a população rural, e de modo ainda mais marcante a população de jovens rurais.

Ocorre que um “novo rural” vem se configurando, caracterizado principalmente pela agropecuária moderna ligada à agroindústria, por atividades não-agrícolas no campo e por “novas” atividades agrícolas, localizadas em nichos especiais de mercado (SILVA, 1999).

Este novo cenário no meio rural, marcado pela diversificação de atividades, pode propiciar novas alternativas de renda para o homem do campo (DEL GROSSI *et al*, 2002).

Outro aspecto levantado por autores aponta para a intensificação da comunicação entre universos culturais distintos, as fronteiras entre o rural e o urbano estariam cada vez mais imprecisas e diluídas assim como as idealizações e projetos dos jovens rurais.

As melhorias no campo, decorrentes da modernização ocorrida nas últimas décadas e, particularmente da eletrificação, estaria ampliando uma rede de serviços, abrindo novas possibilidades de consumo para as populações rurais, no universo do trabalho e do lazer.

Os jovens rurais não estariam mais isolados e a urbanização estaria cada vez mais presente no campo, pois os meios de comunicação, as facilidades de transporte, os sistemas de telefonia e as condições de estudo aproximariam o campo e a cidade (ROSSATO, 2006).

Nesse sentido, urgem questões como as apontadas por (CARNEIRO, 2001): Essa nova configuração do meio rural somada ao acesso facilitado à bens e serviços outrora só encontrados na cidade poderia resultar em maior permanência do jovem no meio rural?

De todo percebe-se que a literatura se debruça nas motivações e explicações para a saída dos jovens, e, é nessa perspectiva que se impõe a necessidade de estudos direcionados a explicar as razões e motivações para a permanência dos jovens no campo na atualidade.

Neste estudo optou-se por pesquisar os jovens rurais do município de Iracema do Oeste - Paraná, município que vêm sofrendo grandes perdas populacionais nas últimas três décadas. O percentual de população que migrou de Iracema do Oeste é superior à maioria dos municípios brasileiros. Por isso a necessidade de enumerar quais os principais aspectos sócio-econômicos que estariam relacionados à permanência destes jovens no campo.

Na tentativa de identificar o perfil dos que ficaram e buscar os aspectos relacionados a essa permanência serão levantadas hipóteses baseadas nas considerações de autores como

(SILVA, 1999), (DEL GROSSI *et al.*, 2002), (CARNEIRO, 2001), que em pesquisas com dados secundários e estudos de caso, apontam para grandes transformações no campo.

Desta forma, este trabalho está estruturado em seis partes, incluindo esta primeira introdução.

Na segunda parte são apresentadas definições para a categoria ‘jovem’ e jovem rural e ainda as justificativas encontradas na literatura para a migração dos jovens rurais para o meio urbano. Também serão apresentados os diversos olhares lançados pelos atores para a categoria, mostrando principalmente como ela se identifica na atualidade, num momento de intensa transformação no meio rural.

A terceira parte apresentará a formulação do problema, os objetivos e as hipóteses levantadas.

Na quarta parte é apresentada a metodologia utilizada, bem como as características do município de Iracema do Oeste.

Na quinta e sexta partes serão apresentadas as análises dos resultados, seguidos das considerações finais.

2 CARACTERIZAÇÃO

2.1 Jovem: uma definição para a categoria

São grandes as dificuldades para definir uma faixa etária para a categoria “jovem” (BRUMER, 2004) e a bibliografia disponível ainda é muito limitada (CARNEIRO, 2005).

A juventude de um modo geral é considerada uma categoria fluída, imprecisa e heterogênea e se mantém na condição de invisibilidade social, (CARNEIRO 2005). Por isso são necessárias reflexões mais precisas para conceituar a categoria.

De acordo com OLIVEIRA (2006, p. 26.), “cinco abordagens são utilizadas para definir a categoria: faixa etária, ciclo de vida, geração, cultura ou modo de vida ou representação social”.

Para definir juventude por faixa etária se faz necessário fundamentar-se em indicadores demográficos, critérios normativos ou padrões estabelecidos por organismos internacionais. A Organização das Nações Unidas - ONU - definiu juventude, pela primeira vez, em 1985 em assembléia geral, caracterizando como jovens as pessoas entre 15 e 24 anos de idade. A mesma definição é adotada pela Organização Ibero-americana - OIJ (1994) e Organização Internacional da Juventude – (UNESCO – 1997). No Brasil, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), são consideradas adolescentes pessoas entre 12 a 18 anos (lei nº 8.069 – 13/07/1990). Já para o IBGE são consideradas como jovens pessoas entre 15 a 24 anos em três divisões etárias: 15-17 anos como jovens adolescentes, 18-20 como jovens-jovens e 21-24 como jovens-adultos.

Como justificativa para este intervalo, alegou-se que seria uma fase que coincide com importantes períodos de transição no ciclo de vida. Antes dessa fase, se desenvolvem as funções sexuais e reprodutivas, que diferenciam o adolescente da criança. Já a fase posterior, a adulta, compreendida como o intervalo que vai dos 25 a 65 anos, é marcada por fatores como a conclusão do ciclo da educação formal, a inserção no mercado de trabalho e a constituição de suas próprias famílias (CORSEUIL *et al* 2001).

E essa delimitação etária é adotada na atualidade pela maioria dos países. No entanto, ela está distante de representar um consenso.

De acordo com Corseuil *et al* (2001), essa demarcação está ultrapassada, pois no atual cenário um grande percentual de jovens está adiando a saída da casa dos pais. Além disso, o aumento na expectativa de vida também está postergando o final da vida adulta. Portanto, qualquer definição de jovens utilizada é passível de contestações, pois este grupo populacional

de 15 a 24 anos é bastante heterogêneo, compreendendo intervalos etários muito extensos e distintos.

O processo tradicional de transição à fase adulta - escolarizar-se, entrar no mercado de trabalho, sair da casa dos pais, casar-se e ter filhos - não ocorre hoje, necessariamente, nessa ordem. Essas etapas podem ocorrer em idades mais ou menos avançadas, não havendo mais uma seqüência certa para as mesmas.

Delimitar fronteiras anteriores e posteriores para esta população não é um problema da atualidade. Os primeiros estudos empíricos datam do século XVIII. Neles os interesses pela essência, pela posição e pelas maneiras de ser do homem estenderam-se gradativamente à infância e à juventude. No entanto, no século XIX, os métodos neo-humanísticos não teriam sido propícios à pesquisa empírica da infância e da juventude, uma vez que deixavam de lado a estratificação destas categorias na estrutura social (SCHUMAN, 1968).

Já, a partir da década de 1940, a dificuldade de delimitação/definição da categoria “jovem” parece ter se tornado ainda mais evidente. Para Teixeira e Figueiredo (1968), era necessário reconhecer comportamentos próprios dessa categoria de idade, para situá-la em relação às outras categorias e ao conjunto da comunidade. Mas admitia que, na tentativa de nominar um comportamento em comum entre os jovens, eram negligenciados seus costumes e particularidades regionais, pois representavam “uma arquitetura social muito complexa”.

Teixeira e Figueiredo (1968) afirmam que, ao buscarmos um conceito no vocabulário, claramente designamos como jovens os rapazes e as moças, mas as coisas começam a se complicar ao precisarmos um limite de idade para esses indivíduos. E, nesse sentido, seria necessário buscar determinações fundadas sobre a natureza das coisas para chegar a esta precisão.

Groppo (2000) entende a juventude como uma categoria social condicionada pela sociedade, onde são mantidas relações e definidas as participações em instituições. Castro (2005, p.20) adverte: “Permeada de definições genéricas, associada a problemas e expectativas, a categoria tende a ser constantemente substantivada, adjetivada, sem que se busque a auto-percepção e formação de identidades daqueles que são definidos como jovens”. A partir destas ponderações, a autora sugere compreender a categoria por meio de seus múltiplos significados, o que representa um desafio significativo.

Seguindo essa perspectiva, entende-se que esta categoria - ‘jovem’ - não pode ser delimitada de forma homogênea. Tampouco deve ser delimitada a partir de uma definição puramente etária. Defende-se a necessidade de se considerarem as realidades distintas

vivenciadas por estes jovens, levando-se em conta, acima de tudo, a diversidade de significados que a categoria abrange em diferentes épocas e contextos.

2.2 O jovem rural

O jovem, enquanto construção social é visto como um ser experimentando uma fase da vida marcada por incertezas e instabilidades. Em geral, essa fase é relacionada a problemas sociais que freqüentemente são atribuídos aos jovens urbanos. Quais seriam então as características atribuídas ao jovem rural?

Segundo Carneiro (1998), as poucas pesquisas existentes analisam o jovem rural apenas sob a ótica dos processos de socialização e de divisão do trabalho no bojo da agricultura familiar. Nessa perspectiva, eles são convertidos em adultos precoces, pois são enxergados apenas pela ótica do trabalho.

De toda sorte, o jovem rural é enfocado como uma das categorias mais afetadas pelas transformações ocorridas no meio rural. Nesse sentido, além das dificuldades para dimensionar as características para a definição da categoria 'jovem', também existem incertezas para conceituar o que vem a ser o 'rural' na atualidade. Isso porque a diversidade de atividades não-agrícolas que acontecem em áreas rurais e as evidências de que, à medida que as economias rurais se desenvolvem, tendem a ser menos dominadas pela agricultura, sinalizam para a necessidade de uma definição espacial e não setorial para as áreas rurais (ABRAMAVAY, 2000).

Estas novas características no campo passam a ser conceituadas como o “novo rural” e, segundo Carneiro (2001, p.2), “(...) exigem um maior esforço reflexivo daqueles que se debruçam sobre as questões relativas ao modo de vida das populações rurais”. Ele alerta ainda para a necessidade de se repensarem as questões teóricas e metodológicas que se impõem nesse novo contexto.

No Brasil, os critérios para definição do que é urbano e rural são os mesmos utilizados desde 1.938. Para o IBGE, o rural é definido como área externa ao perímetro urbano, o que é consolidado por leis municipais. Assim o rural é “delimitado pela negação do urbano, universo amplo e diversificado que abrange áreas correspondentes às cidades, vilas ou áreas urbanas isoladas” (OLIVEIRA, 2006, p. 28). No entanto convém admitir a heterogeneidade existente nos municípios e denotar o quanto esta definição é imprecisa.

Para Basílio (2007, p.13), “a juventude rural não pode ser vista apenas através de uma definição demográfica”. Isso porque, além dos limites territoriais, nesse ambiente presencia-se

a formação de um novo sujeito social, que sai da invisibilidade e ocupa seu lugar de forma bastante diversificada, assim como é diversificado o espaço em que vive.

Com a intensificação da comunicação entre universos culturais distintos, as fronteiras entre o rural e o urbano tornam-se cada vez mais imprecisas, assim como as idealizações e projetos dos jovens rurais. Por isso discutir a realidade da juventude rural hoje, de acordo com Campolim (2005, p.1),

implica um olhar mais atento às suas lutas, sonhos e angústias. Significa pensar nos problemas e nas perspectivas possíveis para essa parcela de jovens que se vêem na fronteira entre manter-se no campo ou migrar para os centros urbanos à procura de melhores condições de vida.

Já, de acordo com Carneiro (2001, p.6), “(...) seria mais produtivo concentrar esforços para definir a categoria a partir de um olhar nos significados das práticas que tornam possível a interação entre os dois meios”. Como exemplos claros desta interação, ele cita a pluriatividade no campo, caracterizada por atividades não-agrícolas, e os neo-rurais, que manifestam a cultura *country* nas cidades.

Outro aspecto a se considerar nestas investigações, de acordo com a autora, é a comprovação de diferenças marcantes entre localidades rurais distintas e entre os diferentes grupos sociais de uma mesma localidade, que podem ser tão acentuadas quanto às diferenças freqüentemente evidenciadas entre as cidades e o campo.

Em síntese, seria mais prudente investigar o jovem rural sob a ótica das dinâmicas sociais, econômicas e culturais, considerando a heterogeneidade das realidades existentes no país, na tentativa de situar o objeto de estudo em questão, bem como apontar algumas características comuns, principalmente nos debates de gênero.

Posto isso, baseado na literatura consultada assume-se neste trabalho que a categoria jovem rural é pertencente a um período de transição entre infância e idade adulta, à famílias de agricultores e integrantes de comunidades rurais.

2.3 Jovens rurais em migração

De acordo com Brumer (2004, p.2), “os dados demográficos sobre a população brasileira demonstram a continuidade do processo migratório campo-cidade nas últimas décadas”.

Tabela 01 – Percentual População Urbana e Rural – Brasil – De 1950 a 2000.

	1950	1960	1970	1980	1991	1996	2000
Urbana	36,16	45,08	55,94	67,59	67,59	78,36	81,25
Rural	63,84	54,92	44,06	32,41	32,41	21,64	18,75

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

Notas:

1 – Para 1950: População presente

2 – Para 1960 até 1980: População recenseada

3 – Para 1991 até 2000: População residente

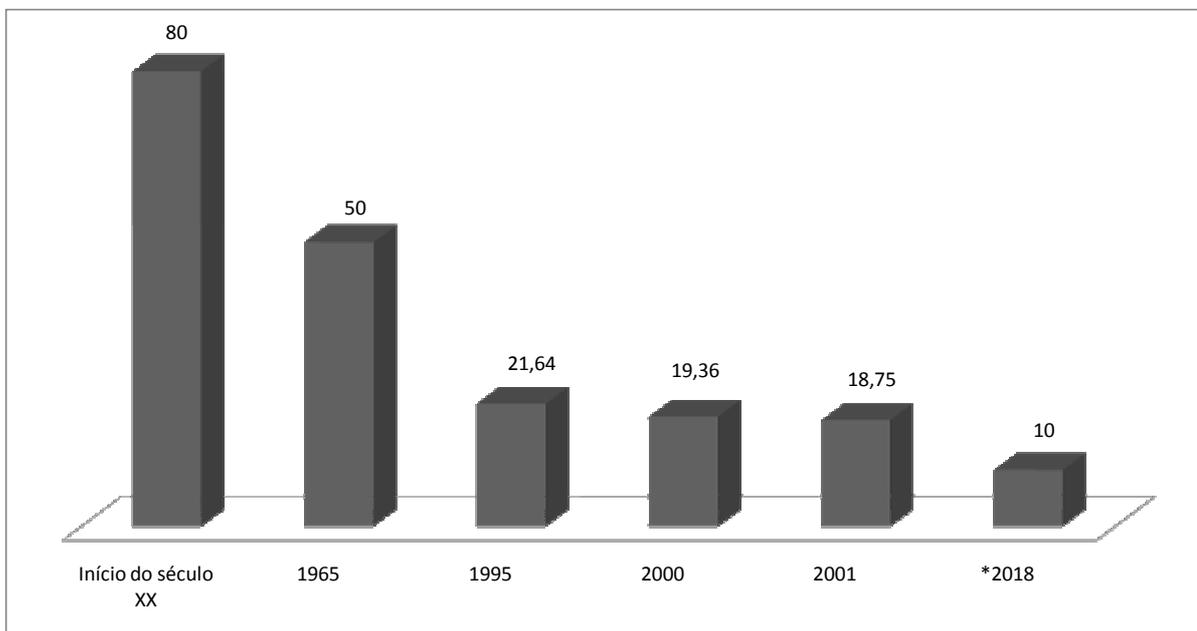
4 – Para 1950 até 1960: Os dados referentes ao nível Brasil incluem a população da região da Serra dos Aimorés, área de litígio entre Minas Gerais e Espírito Santo

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

As Tabelas 1 e 2 ilustram bem este processo e mostram um grande percentual da população deixando o meio rural entre as décadas de 1950 e 1996. A partir de 2000, verifica-se que esse processo continua, porém em menor escala.

A projeção estimada pelo IBGE e outras organizações internacionais apontam para a continuidade deste processo conforme mostra a figura 01.

Figura 01 – População rural/total em milhões– Brasil – Projeção da FAO



Fonte: CEPAL/IBGE/FAO (2008)

Já, na região Sul, no Rio Grande do Sul, a população rural volta a crescer.

Tabela 02 – População Urbana e Rural – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - 1950 a 2005.

Unidade da Federação	Situação	Ano						
		1950	1960	1970	1980	1991	2001	2005
Paraná	Urbana	528.288	1.327.982	2.504.253	4.472.506	6.197.953	7.781.664	8.613.232
	Rural	1.587.259	2.968.393	4.425.568	3.157.343	2.250.760	1.776.790	1.658.452
Santa Catarina	Urbana	362.717	695.347	1.247.158	2.154.250	3.208.537	4.211.979	4.839.534
	Rural	1.197.785	1.451.562	1.654.502	1.474.042	1.333.457	1.137.601	1.034.215
Rio Grande do Sul	Urbana	1.421.980	2.445.774	3.554.239	5.250.024	6.996.542	8.312.899	8.816.258
	Rural	2.742.841	3.003.049	3.110.602	2.523.825	2.142.128	1.868.850	2.038.085

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

A tabela 03, também aponta para a continuidade da redução da população rural jovem para os três estados do sul brasileiro.

Tabela 03 – População jovem urbana e rural – Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul – 2001 a 2005.

Unidade de Federação	Grupos de Idade	Situação de Domicílio	Ano				
			2001	2002	2003	2004	2005
Paraná	15 a 24 anos	Urbano	1.462.360	1.540.687	1.559.394	1.499.092	1.542.830
		Rural	319.023	291.632	280.292	277.014	256.630
Santa Catarina	15 a 24 anos	Urbano	866.266	859.251	879.155	868.753	878.448
		Rural	192.624	182.029	177.314	185.915	179.796
Rio Grande do Sul	15 a 24 anos	Urbano	1.521.907	1.510.060	1.518.421	1.525.452	1.544.471
		Rural	286.167	299.788	313.985	323.583	311.125

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

Para Singer (1998), as migrações são causadas por fatores de expulsão e atração. Os fatores de expulsão dividem-se em mudança e estagnação. Os fatores de mudança estão relacionados à introdução de relações de produção capitalistas nas áreas rurais em busca de aumento da produtividade do trabalho. Esse fenômeno gerou o chamado desemprego tecnológico. A diminuição da demanda por mão-de-obra no campo provocou fluxos migratórios em direção às cidades e, conseqüentemente, acarretou uma redução da população rural.

Os fatores de estagnação vieram da pressão gerada pelo crescimento populacional sobre a disponibilidade de áreas cultiváveis. Na cidade, a demanda pela força de trabalho, de acordo com o autor, foi o principal fator de atração.

Ao observar a categoria “jovem” nesse movimento de migração, verifica-se que o percentual desses indivíduos que deixam o meio rural ainda é intenso e contínuo.

De acordo com o Censo de 2000, dos 34 milhões de jovens brasileiros, 17% vivem no meio rural (31% nas regiões metropolitanas e 52% em áreas urbanas). Esses jovens não encontram representação nos livros didáticos, nos meios de comunicação, e carregam o estigma de matutos, ingênuos.

Os números do IBGE apontam para a concentração da população juvenil no meio urbano e estudos mostram que os jovens rurais foram perdendo visibilidade a partir da expansão e explosão das áreas urbanas.

Os jovens da zona rural estão mais presentes no mercado de trabalho do que na escola. Considerando os que só trabalham, sobressaem-se os estados do Espírito Santo (54,8% na área rural contra 31,3% na zona urbana) e de Santa Catarina (48,2% no campo e 35,5% na cidade).

A disparidade resulta numa menor preparação do jovem do campo para o trabalho, bem como para o seu desenvolvimento pessoal e social. A taxa de analfabetismo nas áreas rurais é de 10%, três vezes maior que a das urbanas (3%).

Esses dados apontam que ainda predomina a ausência do reconhecimento do papel do jovem em geral como ator social na transformação da sociedade.

Estudos apresentados por diversos autores encontraram justificativas diferenciadas para o processo acentuado de migração dos jovens. Para Brumer (2006, p.1):

A tendência migratória dos jovens, em grande parte, é justificada por uma visão relativamente negativa da atividade agrícola e dos benefícios que ela propicia e as características ou problemas existentes na transferência dos estabelecimentos agrícolas familiares à nova geração.

Para Toledo (2008, pág. 1):

Poucos estudos têm sido produzidos para entender as transformações sociais que regem os processos sucessórios na agricultura familiar, pois para o exercício profissional na agricultura familiar pelos jovens está implícito além do aprendizado de ofício de agricultor, a gestão do patrimônio imobilizado em terras, instalações e equipamentos.

O processo sucessório compreende preparar o sucessor para a gerência do negócio, capacitá-lo para a utilização do patrimônio para a próxima geração; transferir legalmente a propriedade da terra juntamente com as instalações e equipamentos existentes. É uma preparação para a aposentadoria, sobretudo, o poder de mando da atual geração à gestão da propriedade, (GASSON E ERRINGTON, 1993).

Até o final da década de 60, a reprodução deste processo era garantida através da expansão agrícola (“colocar os filhos”) pressão moral pela continuidade da profissão de agricultor, “ética da continuidade”. Neste sentido, os esforços das famílias se concentravam em buscar recursos materiais para adquirir a “colônia” de terra para os filhos mais velhos em áreas de expansão agrícola, terras situadas no Oeste de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso. O filho mais novo seria o futuro sucessor da propriedade familiar (MUNTON, MARSDEN, WARD, 1992).

As filhas eram excluídas da possibilidade de serem sucessoras (MELLO *et al*, 2003). O pai é a figura central no processo sucessório na agricultura familiar, que detém o poder de decidir o momento certo e a forma de passagem das responsabilidades de gerenciamento e gestão do estabelecimento para a próxima geração.

Para Toledo (2008, pág. 1) ainda hoje há um despreparo e uma despreocupação quanto à sucessão e na maioria das propriedades rurais atualmente não há nenhum sucessor definido.

Para o autor:

O meio rural é um local sabidamente conservador que por vezes cria dificuldades na relação entre pais e filhos no tocante à administração dos negócios da propriedade, que via de regra, os pais somente atribuem responsabilidades aos filhos nos destinos da sucessão quando se aposentam, enquanto os filhos gostariam de ter este poder antecipado.

Historicamente a vida no campo é mais atrativa para os rapazes que, geralmente num processo sucessório, herdavam as terras ou recebiam mais apoio e incentivos para continuarem produzindo.

Já às moças, “é destinado pouco espaço para a atividade agrícola comercial, onde atuam apenas como auxiliares” (BRUMER, 2004, p.5).

Por muito tempo esse processo contribuiu para uma redução significativa de mulheres no campo. Tanto que a masculinização do campo é um efeito perceptível em muitas comunidades rurais em todo o mundo. Com a falta de perspectivas no campo, os ofícios de empregadas domésticas ou babás são os mais procurados na cidade (ROSSATO, 2006).

Por isso, deixar a residência dos pais seria o caminho mais viável para a conquista da independência econômica, apesar dos inconvenientes ligados ao trabalho de doméstica. A própria família estaria estimulando essa migração, pois as chances de as moças se estabelecerem como agricultoras ou esposas de agricultores são reduzidas (ABROMAVAY *et al.*, 1997)

Oliveira (2006, pág. 76), relata em pesquisa realizada em São João Evangelista – Minas Gerais em 2006 que:

(...) se para os rapazes a renda obtida na agricultura familiar é baixa, para as moças ela inexistente, pois quando trabalham na roça o fazem para “ajudar” a família e não recebem dinheiro para tais serviços. A utilização da categoria “ajuda”, na verdade torna invisível a participação ativa das mulheres na agricultura familiar.

Ao considerarem as atividades realizadas pelas mulheres na produção agrícola, não como trabalho, mas sim como “ajuda” excluem-nas da partilha. A elas cabe um “dote” que irá contribuir para a nova família no momento do casamento. Entretanto, se uma filha não se casa, não recebe esse “dote”, tampouco é estimulada a permanecer na terra, uma vez que seu reconhecimento social só se dá pelo casamento e não por meio do seu trabalho (WOORTMANN, 1990).

A Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG (2005) destaca que:

- a) cerca de 36% da população economicamente ativa no mercado de trabalho rural é composta por mulheres;
- b) a mão-de-obra feminina tem sido absorvida nos trabalhos temporários, sem a garantia de direitos e sem investimentos na formação profissional;
- c) quase dois terços das mulheres rurais engravidam entre 15 e 21 anos e quase a metade não utiliza nenhum método contraceptivo.

Atualmente, estas seriam algumas das razões que estariam motivando as mulheres a migrarem para as cidades, aspecto preocupante, uma vez que a ausência de mulheres no campo pode comprometer a continuidade do modelo familiar tradicional, bem como o desenvolvimento da agricultura familiar.

De acordo com (ANTUNES 2002), a opressão masculina está inserida num contexto histórico-social.

Porém para Perrot (2002, p. 178),

(...) o século XIX acentua essa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase pré-determinado até em seus detalhes. Não é a divisão em si um problema puro e simplesmente. A questão é que esta divisão fundada em bases naturais e biológicas geram as exclusões das mulheres dos espaços públicos e a opressão nos espaços privados pois na família o poder principal continua a ser do pai de direito e de fato.

A pouca participação das moças nas atividades agrícolas, não exige a permanência na lavoura durante o dia todo, ou parte dele. Isso as permite conciliar o estudo e o trabalho doméstico com muito mais facilidade se comparadas aos rapazes. Este também é um dos motivos que explicam a crescente e maior escolarização das moças em relação aos jovens (OLIVEIRA, 2008).

Consequentemente a possibilidade de migrar do meio rural em busca de outra profissão é também superior em relação aos rapazes.

Por isso, na maioria das pesquisas já realizadas, a vontade de não permanecer no campo e de não trabalhar na agricultura é mais evidente nas respostas obtidas das moças.

Essa intenção difere de um grande percentual dos rapazes entrevistados em pesquisas, que visualizam na agricultura e no meio rural a possibilidade de continuar seu trabalho tanto no presente quanto no futuro, pois migrar não faz parte de seus planos.

Isso segundo Wortmann (1997), se concretiza principalmente porque a família articulada à terra e ao trabalho fundam uma ordem moral, cujo principal princípio é o respeito à hierarquia familiar em que o pai é chefe.

É assim que as relações de gênero assumem configurações da opressão masculina e a divisão sexual do trabalho se conforma como desigual e excludente (OLIVEIRA, 2008)

A partir da década de 70, o padrão da sucessão foi alterado determinando a repartição patrimonial dos bens, em que todos recebem terra e capital igual. Estas mudanças podem significar grandes dificuldades se o tamanho da propriedade for pequeno, pois pode implicar na inviabilidade de permanência de todos os componentes familiares. Isso porque o parcelamento das terras, transformadas em lotes pequenos demais são incapazes de garantir a sobrevivência de todos os integrantes da família.

Neste sentido há poucos estudos em andamento, principalmente para verificar se dá este novo formato de sucessão se realmente ele se diferencia dos moldes adotados até a década de 1970, ou seja, se algum componente permanece administrando a propriedade, ou adquire os lotes dos demais herdeiros ou se simplesmente a propriedade é vendida e o valor dividido entre os herdeiros, atraindo todos os componentes para a cidade.

Contudo, a possibilidade de existência de mecanismos suficientemente capazes de assegurar a permanência da juventude rural junto à propriedade familiar é ínfima, quase inexistente. O que vêm acontecendo é que um grande percentual dos jovens não vislumbra expectativas que venham transformar o meio rural em um local adequado para o projeto de suas vidas.

O meio rural está envelhecendo e masculinizando. Os agricultores têm mais de 55 anos, possuem baixa escolaridade, tem dificuldade de produzir renda regular, sendo este um dos tantos fatores que geram dificuldades para fazer com que os filhos permaneçam nas propriedades. Os filhos por sua vez têm escolaridade mais elevada, cresceram com uma cultura diferente da dos pais e incorporaram parte do modo de vida urbana; além de não terem sido preparados para a gestão frente aos desafios da produção e mercados da atualidade e vêm poucos atrativos para continuar a profissão dos pais (CAMARANO E ABRAMOVAY, 1998).

Esse processo é apontado por Hervieu (1990), como um fenômeno de “rupturas” da agricultura ligado a ruptura demográfica, que seria característico da metade do século XX, quando uma redução da população que se ocupa das atividades agrícolas acontece num curto espaço de tempo. Um processo acompanhado do aumento da idade dos chefes das propriedades rurais.

A maioria das jovens com certo grau de instrução busca emprego na cidade, recusando o casamento e a vida social vinculada à agricultura. Por isso, “(...) a acentuada migração feminina é, essencialmente, resultado do fato de as mulheres serem mais bem preparadas para enfrentar a vida urbana, passando a questionar o que é visto como servidão na vida camponesa” (STROPASOLAS, 2004, p.256).

O acesso aos serviços básicos de cidadania encontrados na cidade também está relacionado com a migração rural. Os serviços educacionais ali disponíveis são os mais procurados pela juventude rural. Assim, esta ida para a cidade significa:

(...) entrar em contato com a “modernidade”, quebrar os laços de dependência e de proteção familiar. Significa construir a sua individualidade, descobrir e realizar seus desejos e projetos como, por exemplo, ter acesso a serviços e bens de consumo inexistentes ou raros no campo (basicamente relacionados ao lazer: cinema, shoppings, restaurantes...), além de aparelhos de som, de video-cassete, etc. (CARNEIRO, 1998, p.17).

A partir do momento em que estes jovens iniciam seus primeiros contatos com a cidade, eles passam a ter vergonha de assumir a condição de rurais, chegando a negar sua identidade. Neste imaginário, eles se sentem numa posição inferior aos jovens urbanos, o que se revela principalmente na escola e nos grupos de convivência no início da juventude. É na escola, segundo Rossato (2006), onde se dá o início dessa difusão de sentimentos de vergonha, culpa e menosprezo de si mesmos.

Em contato com os jovens urbanos, eles assimilam novos valores e comportamentos e ainda traçam projetos individuais de trabalho e estilo de vida notadamente da juventude de classe média urbana. Essa interação é decisiva, pois amplia a rede de sociabilidade dos jovens para além daquela dos grupos de parentela. O trabalho fora do meio rural, a frequência à escola e a participação em outros eventos na cidade criam condições para a formação de grupos de convivência. Isto favorece os encontros entre jovens do sexo oposto no ambiente das cidades, levando à perda gradual da hegemonia do rural no processo socializador (CARNEIRO, 1998).

Além da baixa renda familiar, falta ao jovem rural uma educação diferenciada e de qualidade que lhe permita atuar sobre seu meio de forma produtiva¹

O resultado dessa base educacional faz com que os salários sejam até três vezes mais baixos do que os dos centros urbanos. O rendimento médio do trabalho em 2000 era de R\$ 94, bem menor que o dos jovens das áreas urbanas, que é de R\$ 270.

Além dessas dificuldades nas áreas de educação e trabalho, a falta de uma estrutura mínima de cultura e lazer (faltam cinemas, bibliotecas, teatros, centros culturais etc.) aumenta ainda mais o desejo de partida dos jovens para os centros urbanos, configurando como seu principal projeto de vida desde cedo.

Na maior parte das regiões Norte e Nordeste, quando estes jovens conseguem completar as primeiras séries escolares, esses jovens precisam se deslocar diariamente, geralmente à noite, para frequentar as séries mais avançadas, oferecidas nas áreas urbanas.

Agravando ainda mais esse quadro, os conteúdos trabalhados pelas escolas geralmente não têm relação com o meio onde eles moram, com o seu trabalho e com a sua cultura¹.

Apesar evidências que devem causar preocupação de autoridades ligadas a categoria, os níveis educacionais dessa juventude vem crescendo se comparados às gerações anteriores.

Contudo, o maior acesso à educação não gera estímulos para a permanência, pelo contrário, a qualidade e o conteúdo do ensino oferecido sobretudo pela falta de uma maior contextualização com o cotidiano campestre, nega a identidade rural e as opções por profissões de características urbanas são cada vez mais requentes.

Assim essa juventude tem a sua escolarização a partir de um projeto educacional voltado para a cidade, formando indivíduos que não se reconhecem no seu próprio espaço, desvalorizando-o e desqualificando-o, e, conseqüentemente as escolhas também serão influenciadas por um conjunto de formação desta juventude (CASTELO BRANCO, 2003).

¹ O perfil da Juventude rural em 2000. Documento elaborado a partir de dados do IBGE, 2000. Disponível em www.institutodacidadania.com.br.

Para Camarano e Abromavay (1988, p. 40):

É preciso diferenciar as situações nas quais a agricultura e o meio rural para o jovens são uma escolha preferencial daquelas que resultam, na verdade, da impossibilidade de realizar um projeto pessoal, seja em virtude da relação das relações patriarcais, do papel subordinado da mulher ou da impossibilidade de encontrar caminhos alternativos aos horizontes atuais.

Diante deste contexto a agricultura familiar se apresenta como forma de organização dos meios de produção, representando uma alternativa de grande importância social e econômica para a reprodução econômica e social das famílias na produção de alimentos e transformação dos mesmos através das agroindústrias familiares, conhecidas como agroindústria de pequeno porte.

A agricultura familiar vem ao encontro de diferentes propostas governamentais e não-governamentais que visam à valorização da mesma como atividade econômica fundamental para o desenvolvimento sócio-econômico sustentado no meio rural. No entanto, apesar das estatísticas apresentarem a agricultura familiar como fundamental para o crescimento econômico da região, tais dados não dão conta de explicar os processos de migração e êxodo rural (BADALOTTI *et al.*, 2007, p. 27).

Nesse sentido, o acesso à renda própria também é apontado como um dos motivos para justificar a migração para o meio urbano. Isso porque no ambiente familiar rural, na maioria das vezes, os recursos não são divididos e ficam sob o controle do pai. O trabalho assalariado no meio urbano passa então a representar uma boa opção para a conquista de uma renda própria pelos jovens rurais (BRUMER, 2006).

Outro importante fator relacionado à migração dos jovens rurais refere-se à busca de autonomia dos jovens em relação aos pais. A solução para este anseio, de acordo com Brumer (2006, p.5), “requer mudanças nas relações familiares, através da participação maior de todos os trabalhadores familiares no processo de tomada de decisões e de um maior espaço para a atuação dos jovens”. Assim, a conquista de autonomia é vista como sinônimo de liberdade, que só é obtida com a saída da casa dos pais.

Na década de 60, aproximadamente 50% da população brasileira vivia no meio rural. Em 2000, 81,19% da população passou a se concentrar nas cidades brasileiras, atraída por diversos fatores.

Estas cidades possuem formas, morfologias, arranjos e organização. Neste cenário estão inseridos os espaços livres (praças, jardins, logradouros, etc...), espaços residenciais,

comerciais, industriais e equipamentos urbanos comunitários edificados. Estes espaços é que proporcionam a qualificação do ambiente cidade (MORAES *et al.*, 2008, pág. 96).

Um equipamento urbano comunitário funciona como base material para a prestação de serviços básicos de saúde, educação, recreação, esporte, etc. e é constituído por um conjunto de espaços e edifícios cujo uso é público (TORRES, 2000).

Para Oliveira (2006, p. 57), existem poucos espaços ou equipamentos de lazer disponíveis no campo aos jovens rurais, o que limita as opções de atividades. As festas religiosas, os campos de futebol, rios e cachoeiras são as opções mais usuais. Neste sentido, as cidades oferecem equipamentos de lazer desvinculados da natureza, como viagens, festas, bares, restaurantes, boates e outros, motivando o deslocamento dos jovens para estes centros urbanos em busca de novas opções. Assim: “(...) interesse dos jovens vem se transformando diante da diluição das fronteiras entre campo e cidade, em que os modos de lazer da cidade se tornam mais atrativas do que os do campo”.

O casamento também vem sendo postergado ou no mínimo questionado pelos jovens, com as mudanças sociais e econômicas em andamento no espaço rural. Segundo Stropasolas (2004, p. 259),

(...)a troca de informações e experiências com os jovens que passam a residir na cidade introduzem novas representações, conceitos e expectativas no horizonte dos jovens, colocando para muitos deles, em primeiro plano, a vontade (e, para muitos, a necessidade) de realizar projetos de vida na cidade e o desejo de experimentar diferentes possibilidades nos relacionamentos afetivos, ficando para depois a concretização de outras dimensões que integram a sua vida pessoal, particularmente o casamento e a família.

Para Carneiro (1998, p.2):

(...) está em curso a construção de uma nova identidade. Cultuam laços que os prendem ainda à cultura de origem e, ao mesmo tempo, vêm sua auto-imagem refletidas no espelho da cultura “urbana”, “moderna”, que lhes surge como uma referência para a construção de seus projetos para o futuro, geralmente orientados pelo desejo de inserção no mundo moderno. Essa inserção, no entanto, não implica a negação da cultura de origem, mas supõe uma convivência que resulta na ambigüidade de quererem ser, ao mesmo tempo, diferentes e iguais aos da cidade e aos da localidade de origem.

3 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

3.1 A sinalização de mudanças no meio rural

As melhorias no campo, decorrentes da modernização ocorrida nas últimas décadas e, particularmente da eletrificação, vêm ampliando uma rede de serviços, abrindo novas possibilidades de consumo para as populações rurais, seja para o trabalho, seja para o lazer. Os jovens rurais não estão mais isolados e a urbanização se faz cada vez mais presente no campo, pois os meios de comunicação, as facilidades de transporte, os sistemas de telefonia e as condições de estudo aproximam o campo e a cidade (ROSSATO, 2006).

Assim, a cidade parece se voltar para o campo, através de um movimento de deslocamento físico, promovido pelas facilidades já citadas e pela veiculação de valores. Na Europa, por exemplo, a redução do êxodo rural veio acompanhada pela dinamização da economia no campo (CARNEIRO, 2001). Nesse sentido, a pluriatividade, sinônimo de diversificação do uso dos espaços rurais, aliada às facilidades já mencionadas, pode ser uma alternativa de permanência dos jovens no campo.

Por isso, de acordo com Brumer (2004), as grandes transformações dos espaços rurais percebidos na atualidade sinalizam mudanças significativas na organização familiar agrícola tradicional. A modernização da agricultura, que outrora expulsou o homem do campo, pode agora favorecer um mercado de trabalho feminino antes excluído desse processo. Este trabalho, agora individualizado e não mais grupal, pode trazer mais satisfação às mulheres, podendo significar a possibilidade de obtenção de renda e, sobretudo, a possibilidade de estabelecer novas relações e um contato com outras referências simbólicas, que não sejam aquelas das quais elas estão queixosas no campo.

Mello *et al* (2003), ao pesquisar os jovens rurais catarinenses, evidenciou que, apesar das dificuldades e problemas relativos à agricultura familiar, muitos jovens preferem permanecer em atividades agrícolas na propriedade da família.

Carneiro (1998, p. 5) aponta ainda para alterações nos padrões de herança em decorrência de muitas mudanças. Em seus estudos ela evidencia que atualmente, “(...) não há mais uma regra a seguir, fica em casa aquele que tiver “mais aptidão” para a agricultura e “menor vocação para os estudos”. E Wanderley (2002), em suas pesquisas em Pernambuco, observou um grande desejo dos jovens pela permanência no campo.

Diante do exposto, Pereira (2007, p.12) questiona: “Será que os jovens buscariam firmar estratégias de atuação como a pluriatividade visando superar as dificuldades técnicas,

econômicas e sociais e se reproduzirem socialmente como agricultores familiares?”. Este é, segundo o autor, “(...) um desafio a ser refletido e superado como questão social”. O autor afirma que os jovens assimilam valores e símbolos formatados na experiência tradicional de seus pais, dando novos significados a estes, modernizando-os em muitos aspectos, para terem condições de dialogar com valores culturais contemporâneos e se reproduzirem socialmente, mantendo assim seus espaços sociais.

Outra questão, enfocada por Camarano e Abramovay (1999, p. 20), está relacionada à educação de jovens rurais: “o maior acesso e a melhor qualidade da educação no meio rural podem ampliar as chances de o campo ser um espaço que desperte nos jovens o interesse de aí realizar seus projetos de vida? Ou, ao contrário, o acesso à educação é a antecâmara da partida em direção às cidades?”

As respostas às questões levantadas parecem sinalizar do campo, por aqueles que lá permanecem. Esta concepção norteará este trabalho, que buscará obter as respostas levantadas pelos autores. Para tanto apresenta objetivos e hipóteses nas sessões a seguir.

3.2 Problema de pesquisa

O problema fundamental que orienta este estudo consiste em apontar as motivações dos jovens pela permanência no meio rural, uma vez que grande parte da bibliografia consultada se concentra em explicar os motivos que os levam a migrar para o meio urbano. A ausência de estudos que expliquem a permanência dos jovens no meio rural na atualidade nos impede de conhecer justamente a fase onde são estabelecidos os projetos deles para a vida adulta, impossibilitando a concepção de políticas efetivas que realmente incentivem a permanência no campo.

A partir destas considerações, este estudo orienta-se pelo seguinte problema de pesquisa:

Quais são os aspectos sócio-econômicos que estão relacionados à permanência dos jovens rurais de Iracema do Oeste no campo?

3.3 Hipótese

A hipótese a ser testada nesta pesquisa é de que a permanência dos jovens de Iracema do Oeste no campo estaria relacionada às facilidades de acesso à serviços outrora só encontrados no meio urbano. As melhorias no campo, decorrentes da modernização ocorrida

nas últimas décadas, apontadas pelos autores na revisão bibliográfica, estaria ampliando uma rede de serviços, abrindo novas possibilidades de consumo para as populações rurais. Os jovens rurais também não estariam mais isolados. Os meios de comunicação, as facilidades de transporte, os sistemas de telefonia e as condições de estudo aproximariam o campo e a cidade, possibilitando novas opções de lazer e serviços sem a necessidade de migrar. Além destes fatores e mudanças no cenário rural, a pluriatividade, sinônimo de diversificação do uso dos espaços rurais, aliada às mudanças mencionadas poderia ser uma alternativa de renda e de permanência dos jovens no campo.

Assim, uma vez que os jovens rurais dispusessem de bens e serviços antes só encontrados na cidade somados às necessidades básicas de subsistência, não precisariam migrar, e, ainda teriam acesso à renda em razão da diversificação da produção rural.

3.4 Objetivos

-

a) Identificar o perfil de jovens rurais de Iracema do Oeste, enfocando os aspectos sócio-econômicos renda, composição familiar, lazer, sexo, escolaridade, tamanho da propriedade, utensílios domésticos, meios de transporte utilizados, relacionamentos e trabalho;

b) Identificar quais os principais aspectos sócio-econômicos que estão relacionados à permanência dos jovens no campo;

c) Verificar se existe relação entre facilidades de acesso à serviços outrora só encontrados no meio urbano, especialmente no aspecto de lazer e a intenção em permanecer no campo;

d) Verificar a existência de problemas em comum enfrentados pela categoria também em outras regiões.

4.METODOLOGIA

Na seqüência serão apresentados os referenciais metodológicos que nortearão o desenvolvimento desta esta pesquisa.

4.1 Revisão de Literatura Metodológica

Esse estudo faz uma abordagem referente à situação sócio-econômica de jovens rurais de Iracema do Oeste, enfocando questões consideradas decisivas ou relacionadas à permanência dos jovens no campo. Os resultados que se apresentam mostram a realidade concreta, do meio em que estes jovens vivem. Por isso, a utilização da pesquisa qualitativa foi utilizada pois, segundo Minayo (1996, p.22):

“esta trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Ainda na perspectiva da pesquisa qualitativa, conforme destaca Triviños (1987), o pesquisador se preocupa com o processo e não apenas com os resultados. Por isso a preocupação com a abordagem, sempre considerando o que o entrevistado pensa sobre as situações indagadas. Os dados coletados na pesquisa são descritivos.

Esta pesquisa também pode ser considerada exploratória, já que o tema escolhido ainda é pouco explorado, possibilitando uma visão geral sobre o fenômeno em estudo e o aumento da familiaridade do pesquisador com o ambiente, para estudos mais aprofundados no futuro (GIL, 1994). Em Iracema do Oeste, nenhum estudo foi realizado focando os jovens rurais, por isso a pesquisa exploratória se justifica, e, poderá representar a continuidade de estudos deste tema no local.

Este trabalho contemplou diversas etapas, conforme recomenda Roesch (1996). Estas etapas são: delineamento da pesquisa; definição do público-alvo; coleta de dados; tratamento e análise dos dados.

Duas pesquisas foram realizadas:

a) pesquisa bibliográfica, tipo de estudo considerado por Vergara (2000) que é desenvolvido com base em material publicado, acessível ao público em geral. Neste trabalho, foram utilizados referenciais disponíveis em livros, revistas e pesquisa em redes eletrônicas (internet).

b) pesquisa de campo, considerando a investigação empírica realizada no local onde ocorre ou ocorreu um fenômeno, incluindo a aplicação de questionários, (Vergara, 2000). Segundo Mattar (1999), o estudo de campo deve ser utilizado quando se tem interesse em conhecer o inter-relacionamento entre as diversas variáveis que ocasionam um fenômeno. O presente estudo utilizou-se da pesquisa de campo, com a aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas.

Conforme Dencker (2000), a pesquisa está classificada:

- a) segundo fins científicos: descritiva, possibilitada através de levantamento de dados obtidos no questionário aplicado;
- b) segundo sua aplicação: por meio de entrevista pessoal via questionário;
- c) segundo seu conteúdo: o questionário propiciou a realização um levantamento sócio-econômico, que mapeia a situação sócio-econômica de 73 jovens rurais de Iracema do Oeste entrevistados;
- d) segundo sua dimensão espacial: o questionário foi aplicado durante os meses de abril e maio de 2008;
- e) segundo sua dimensão específica: foram entrevistados 73 jovens rurais de Iracema do Oeste;
- f) segundo a forma: foi por meio de perguntas abertas e fechadas;
- g) segundo sua natureza: perguntas sobre fatos e situação sócio-econômica.

A pesquisa de campo teve início em março de 2008. As primeiras visitas foram realizadas no intuito de conhecer alguns profissionais que pudessem auxiliar no deslocamento até o meio rural e apontar propriedades cujas famílias eram compostas também por jovens rurais.

Neste período também foi realizado um levantamento da estrutura do município, compreendendo serviços básicos e equipamentos urbanos disponibilizados aos jovens rurais.

Neste sentido, foi de fundamental importância o apoio da Secretária de Educação e Diretora do Departamento de Esportes do município. São profissionais que cresceram no município, conhecem os moradores “por nome e realidade”. Por meio delas também foi possível delinear uma amostra significativa. Cabe ressaltar a receptividade recebida, considerada como altamente positiva, destacando a curiosidade das profissionais em relação aos resultados da pesquisa, nos sentido de visualizar na pesquisa um importante instrumento para delinear políticas futuras no município na tentativa de conter a saída destes jovens.

Grande parte dos entrevistados eram estudantes e o apoio da Secretaria de Educação, possibilitou a realização e aplicação da pesquisa, nas escolas onde estes jovens estudam. Os

mesmos profissionais incentivaram os gerentes das empresas a ceder os funcionários jovens rurais por um período para a aplicação do questionário.

A pesquisa foi realizada nos meses de abril e maio. Em cada escola, os diretores das escolas ofereceram uma sala para aplicação dos questionários e retiraram os jovens rurais de seus afazeres escolares para responderem os questionários.

Os alunos chegavam de forma alternada, assim era possível conversar e explicar os objetivos da pesquisa de forma clara e tranqüila aos pequenos grupos, deixando-os tranqüilos e confiantes para que se expressassem verdadeiramente no questionário.

Já nas empresas, procurou-se na medida do possível abordar os jovens em seus horários de entrada, saída e intervalos, uma vez que quando estes eram abordados durante o horário de trabalho, mesmo com a autorização de gerentes, as respostas eram preenchidas de forma muito rápida, na intenção de retornar com rapidez ao posto de trabalho, o que poderia comprometer os resultados.

Ao se depararem com as questões, os entrevistados se mostravam surpresos, a impressão é de que muitos não se percebiam como parte de um contexto e realidade em que estão inseridos, independente de faixa etária.

4.2 Fontes de dados

O foco deste estudo é o jovem rural e as motivos de sua permanência no campo. Para essa análise optou-se por um recorte espacial que apresente esta situação, enfim, que evidencie a presença de jovens rurais.

Optou-se por pesquisar os jovens rurais do município de Iracema do Oeste, por ser um dos municípios paranaenses que vêm sofrendo grandes perdas populacionais. De acordo com informações obtidas na Prefeitura Municipal Iracema do Oeste, em 1970, quando ainda era distrito de Formosa do Oeste, o lugar era habitado por cerca de 25.000 pessoas². Em 1996 a população do município era de 2.970 habitantes, em 2000 a população diminuía para 2.951 habitantes, e, na última contagem realizada pelo Instituto de Geografia e Estatística - IBGE em 2007, a população estava reduzida e 2.580 habitantes.

A drástica redução populacional neste município foi balizadora na decisão pela realização da pesquisa.

² Dados fornecidos por funcionários da Prefeitura Municipal de Iracema do Oeste. Não foi possível confirmar estas informações na base de dados do IBGE, uma vez que em 1970 Iracema do Oeste era distrito do município de Formosa do Oeste.

4.3 Características de Iracema do Oeste

A área territorial do município de Iracema do Oeste é de 82,453 km² .

O município está situado a 569,09 km da capital paranaense, a 725 Km do Porto de Paranaguá, a 68 Km do Aeroporto mais próximo(Toledo) e pertence à microrregião de Toledo no Paraná .

Figura 02 – Localização Geográfica do município de Iracema do Oeste no estado do Paraná.



Fonte: Elaborado pela autora (2008).

Em 1952, chegou ao núcleo Juvenal Henrique Correia, trazendo consigo sua família e a de seu sogro, Antônio Teodorico da Silva, que era conhecido por Caboclo. Nesta mesma época, chegaram as famílias Furlan, Correia, Pedro Pimenta e Terim. Foi o começo de tudo. O nome da localidade foi sugerido, em 1964, pelo colonizador do primeiro loteamento da vila, Paulo Tricário, em homenagem a sua filha Iracema.

Com a denominação de Iracema, através da Lei n.º 42, de 26 de novembro de 1973, o povoado foi elevado à categoria de Distrito Administrativo, com território pertencente ao município de Formosa do Oeste. No dia 04 de julho de 1990 através da Lei n.º 9.310, foi

criado o município de Iracema do Oeste. A instalação oficial ocorreu no dia 1º de janeiro de 1993, (IBGE, 2009).

Os serviços básicos oferecidos à população de Iracema do Oeste estão relacionados na tabela 04

Tabela 04- Serviços básicos Iracema do Oeste – 2008.

Água	644
Esgoto	0
Ligações de Energia elétrica	821

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do IBGE 2009.

Em 2001, existiam 832 domicílios particulares permanentes e 870 famílias residiam no município (IBGE, 2009).

Tabela 05 – Participação no PIB Municipal 2009.

Agropecuária	43%
Indústria	4,34%
Serviços	54,20%
Produto Interno Bruto	US\$ 4.983.315,70
PIB per capita	US\$ 1.514,69
População economicamente ativa	1.907 habitantes

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do IBGE 2009.

O município recebe repasses de ICMS, IPVA, Fundo de Exportação e Royalties de petróleo (em desenvolvimento) e possui apenas 18 estabelecimentos registrados no Ministério do Trabalho e Emprego.

Em 2007, 261 pessoas estavam empregadas, destas 44 estão empregados na indústria têxtil e de alimentos e bebidas, 2 estão empregados na construção civil, 19 no comércio atacadista e varejista, 18 na agropecuária e 65% do total (171) estão empregados na administração pública (serviços) e os demais em instituições financeiras e empresas de transportes e comunicação.

Tabela 06 – Empregados em 31/12/2007 e subsetores em Iracema do Oeste.

Sub-setor	Indústria	Construção Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Total
Nº de funcionários	44	2	19	178	18	261

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da RAIS – Relação Anual de Informações Sociais – Ministério do Trabalho e Emprego (2009).

A população total matriculada no ensino fundamental e médio em 2009 representa 28,64% da população do município.

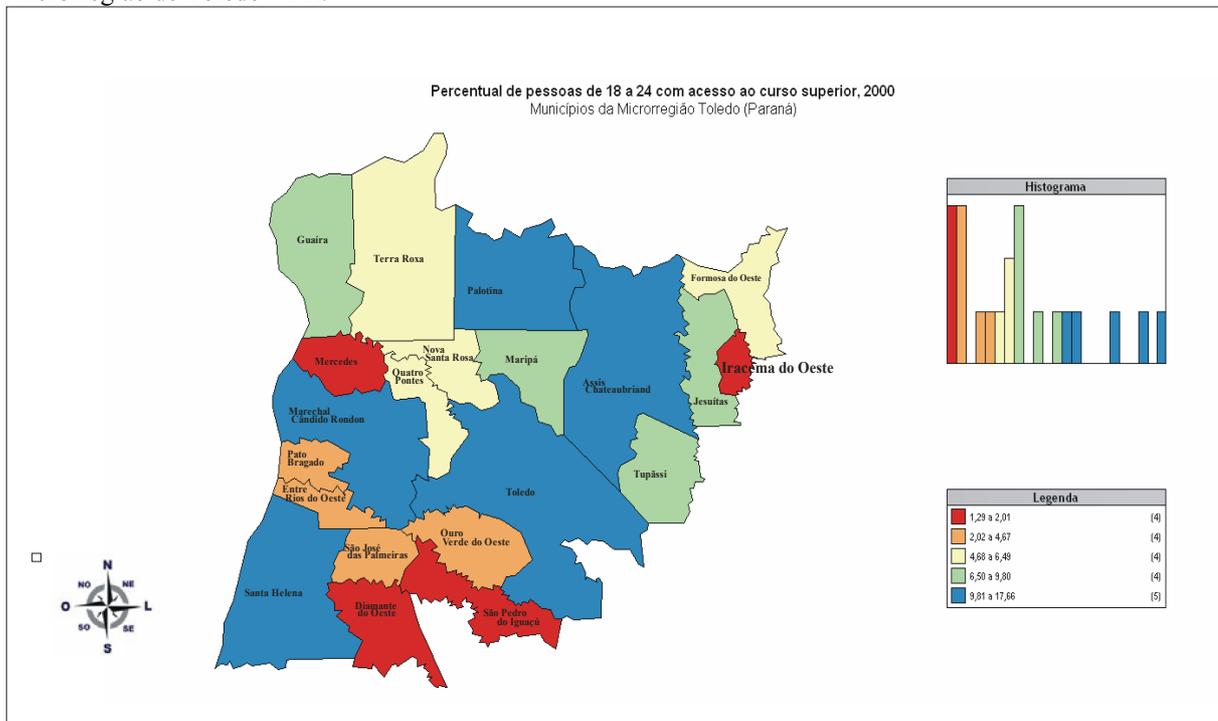
Tabela 07– Matrículas ensino em Iracema do Oeste 2009.

Ensino	Matrículas
Ensino público fundamental	639
Ensino Médio fundamental	100
Ensino Particular	0
Ensino superior	0

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do IBGE (2009).

Já o percentual de 18 a 24 anos com acesso ao ensino superior em 2000 era entre 1,29 a 2,01%. Em 2009, de acordo com informações obtidas na Secretaria de Educação do município este percentual permanece similar.

Figura 03 - Percentual de pessoas de 18 a 24 anos com acesso ao ensino superior 2000. Municípios da Microrregião de Toledo – PR.



Fonte: Atlas de Desenvolvimento Humano 2000.

Os tipos de estabelecimentos encontrados na cidade/sede do município podem ser visualizados na tabela 08, evidenciando principalmente as reduzidas opções de lazer disponíveis. Os serviços básicos como educação e saúde são encontrados na cidade. A prática de atividades esportivas nas suas diversas modalidades é significativa, contudo opções como teatro, cinema e outros espaços costumeiramente procurados por jovens não existem na cidade.

Tabela 08 – Tipos de estabelecimentos - Iracema do Oeste - 2009

Tipo de estabelecimento	Quantidade
Estabelecimentos de Saúde SUS (Sistema único de saúde)	1
Igrejas	2
Instituições Financeiras	1
Escolas Ensino Fundamental	1
Escolas Ensino Médio	1
Ginásio de esportes	2
Campos de futebol	5
Teatro	0
Shopping Centers	0
Clubes de serviço	0
Piscina pública	1
Creche	1
Escolas de Educação especial	1
Universidades	0
Salões Comunitários	2
Praças	1
Bares	1
Restaurantes	1
Boates	0
Lan-houses	1

Fonte: Elaborada pela autora (2008).

A produção agrícola do município se resume à produção de soja que em 2006 foi de 14.080 toneladas, a produção de milho que em 2006 foi de 17.200 toneladas, a produção de café que em 2006 foi de 704 toneladas, a produção de bovinos que em 2006 foi de 1.984 cabeças, a de equinos que em 2006 foi de 60 cabeças, galinhas que em 2006 foi de 99.529 cabeças, de ovinos que em 2006 foi de 31 cabeças e de suínos que em 2006 foi de 1.034 cabeças.

Tabela 09 – Produção agrícola municipal – cereais, leguminosas e oleaginosas 2007.

Produto	Área plantada
Arroz (em casca)	30 hectares
Feijão (em grão)	70 hectares
Milho (em grão)	5.350 hectares
Soja (em grão)	6.400 hectares
Trigo (em grão)	1.200 hectares

Fonte: Elaborada pela autora a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2007).

A tabela 09 demonstra a produção agrícola e a tabela 10, abaixo, apresenta os tipos de estabelecimentos agropecuários do município.

Tabela 10 – Censo agropecuário Iracema do Oeste 2006 – Estabelecimentos agropecuários.

Tipo de estabelecimento	Quantidade
Lavouras permanentes	101
Lavouras temporárias	229
Com pastagens naturais	127
Com matas e florestas	164
Estabelecimentos com tratores	74
Estabelecimentos com bovinos	112
Estabelecimentos com ovinos	1
Estabelecimentos com suínos	77
Estabelecimentos com produção de leite de vaca	168
Estabelecimentos com aves	89
Estabelecimentos com produção de ovos de galinha	48

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados Censo Agropecuário 2006 - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

No ano de 2000, 1.305 pessoas encontram-se em situação de pobreza. O Índice de Desenvolvimento Humano - IDH de Iracema do Oeste em 2000 foi de 0,700, um dos menores do Estado do Paraná. O PIB *Per Capita* em 2005 era de 8.811. O Grau de urbanização em 2000 era de 72,21% e a Taxa de pobreza em 2000 era de 39,87 %.

4.4 Instrumentos de Coleta de Dados

Antes de iniciar a aplicação do questionário, foi elaborado e aplicado um pré-teste para testar a viabilidade operacional do questionário e verificar se houve o entendimento do mesmo. Para Lakatos e Marconi (1996, p. 227), o pré-teste tem como uma das principais funções testar o instrumento de coleta de dados. Por meio dele devem ser percebidas “(...) as reações do entrevistado, sua dificuldade de entendimento, sua tendência para esquivar-se de questões polêmicas ou ‘delicadas’, seu embaraço com questões pessoais, etc.”. O pré-teste, segundo as mesmas autoras, verifica ainda, a ambigüidade ou não das questões supérfluas, adequação da ordem das questões, o número suficiente de questões ou necessidade de complementá-las.

Neste trabalho aplicou-se a pesquisa do tipo qualitativa e quantitativa a jovens rurais de Iracema do Oeste, utilizando-se de questionário considerado por Bezerra Neto (2000), como uma forma de interlocução planejada que possibilita extrair dos informantes respostas escritas ou verbalizadas, acerca de assuntos que saibam opinar ou informar, sendo essenciais para que se alcance os objetivos da pesquisa. O questionário foi aplicado com um roteiro de questões com repostas abertas, buscando saber como os jovens percebem sua situação atual, e também por questões fechadas.

Os questionários foram aplicados em duas escolas dos municípios, para 57 jovens rurais, que se revezavam para responder por escrito ou ainda respondendo as questões em entrevistas diretas. Outros 5 jovens rurais foram entrevistados durante o trajeto percorrido em ônibus e vans à Universidades onde estudavam. Os demais 11 jovens rurais foram entrevistados em empresas e indústrias, em horários de chegada, saída e intervalos de trabalho.

4.5 População e Amostra

De acordo com o Instituto de Geografia e Estatística – IBGE, a população total de Iracema do Oeste em 2007 era de 2.580 habitantes. Em 2000 o grau de urbanização era de 72,21% e 27,79% da população do município residia no meio rural. Estima-se que estes percentuais permaneçam similares e destes, cerca de 75 pessoas teriam idade entre 15 a 24 anos. Além dos dados apresentados pelo IBGE, funcionários da Secretaria de Educação de Iracema do Oeste auxiliaram na elaboração de uma estimativa plausível.

Um consenso geral utilizado por pesquisadores e pela Organização das Nações Unidas – ONU delimita uma faixa etária para o período, em que precisamente os jovens teriam entre 15 a 24 anos, período compreendido entre a puberdade e a idade adulta.

Neste trabalho assume-se esta mesma delimitação, entendendo que a juventude é um período de transição entre a infância e a idade adulta, uma fase demarcada para finalizar estudos, inserir-se no mercado de trabalho, sair da casa dos pais e constituir uma nova família. Durante o processo de convocação para as entrevistas, apresentavam-se sempre os jovens solteiros e adolescentes, com idade entre 12 a 31 anos, mesmo que os grupos procurados fossem compostos por pessoas da faixa etária entre 15 e 24, o que denota como localmente os jovens se definiam.

Em pesquisas sociais é comum trabalhar com uma amostra, ou seja, uma pequena parte dos elementos que compõem o universo. Seguindo a orientação de Gil (1999, p. 99), que afirma que “de um modo geral, as pesquisas sociais abrangem um universo de elementos tão grande que se torna impossível considerá-los em sua totalidade”.

Assim, a amostra foi composta por quarenta e seis entrevistados. Trinta entrevistas foram realizadas em escolas com estudantes cursando ensino fundamental, médio, supletivo de 5ª a 8ª série, supletivo de ensino médio, 5 entrevistas foram realizadas com estudantes que cursam ensino superior nos municípios de Toledo e Assis Chateaubriand e 11 entrevistas foram realizadas em empresas e indústrias do município. A considerar as estimativas, a

amostra entrevistada representa 61,33% do total da população de jovens rurais de Iracema do Oeste estimada.

5 JOVENS DE IRACEMA DO OESTE

O questionário aplicado objetivou extrair informações sócio-econômicas de jovens rurais de Iracema do Oeste. Um levantamento que mapeou a situação sócio-econômica de 42 jovens rurais entrevistados. O questionário foi aplicado durante os meses de abril e maio de 2008.

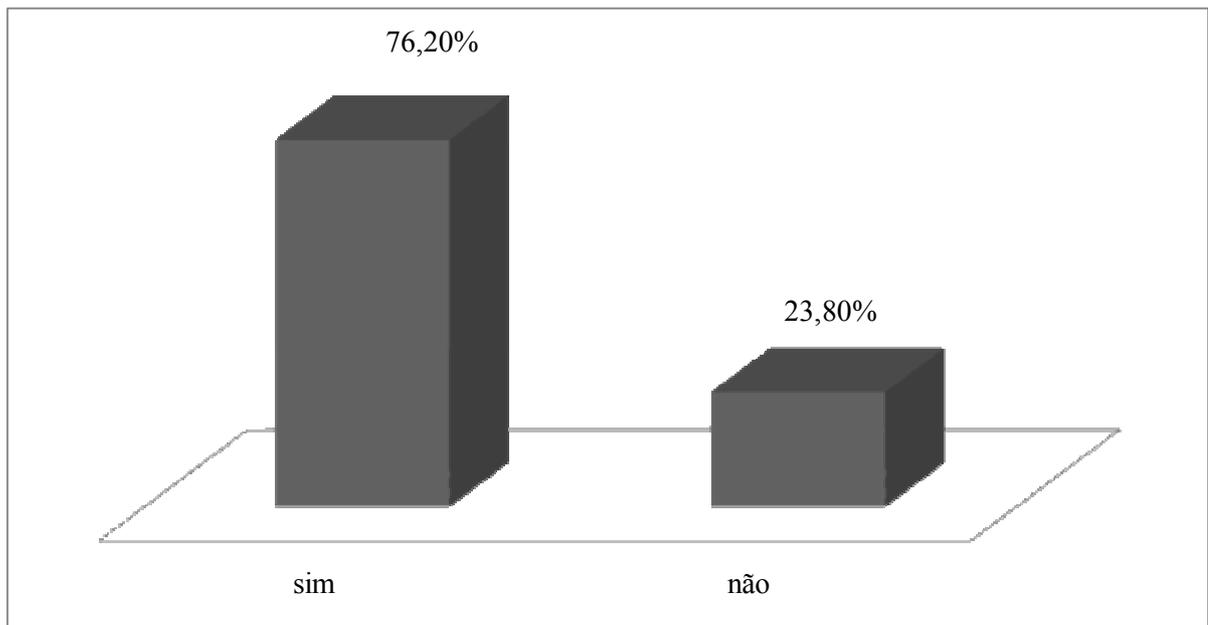
A análise e discussão dos resultados será realizada colocando em destaque, a situação sócio-econômica atual destes jovens, destacando a forma como eles se percebem no contexto familiar, educacional e no trabalho.

Os principais aspectos levantados relacionam-se à idade, sexo, relacionamentos, trabalho, tamanho da propriedade, distância da propriedade da cidade, transporte, utensílios, escolaridade, lazer e renda. Todos estes aspectos foram abordados na literatura consultada e apontados pelos autores como sendo sempre variáveis fundamentais que pontuam nas decisões dos jovens por migrar para a cidade.

No entanto, duas perguntas foram fundamentais para o apontamento de elementos fundamentais relacionados com a permanência dos jovens rurais no campo:

A primeira pergunta é: Você gosta de viver no campo? Sim? Não?

Figura 04 – Pergunta: Você gosta de viver no campo?



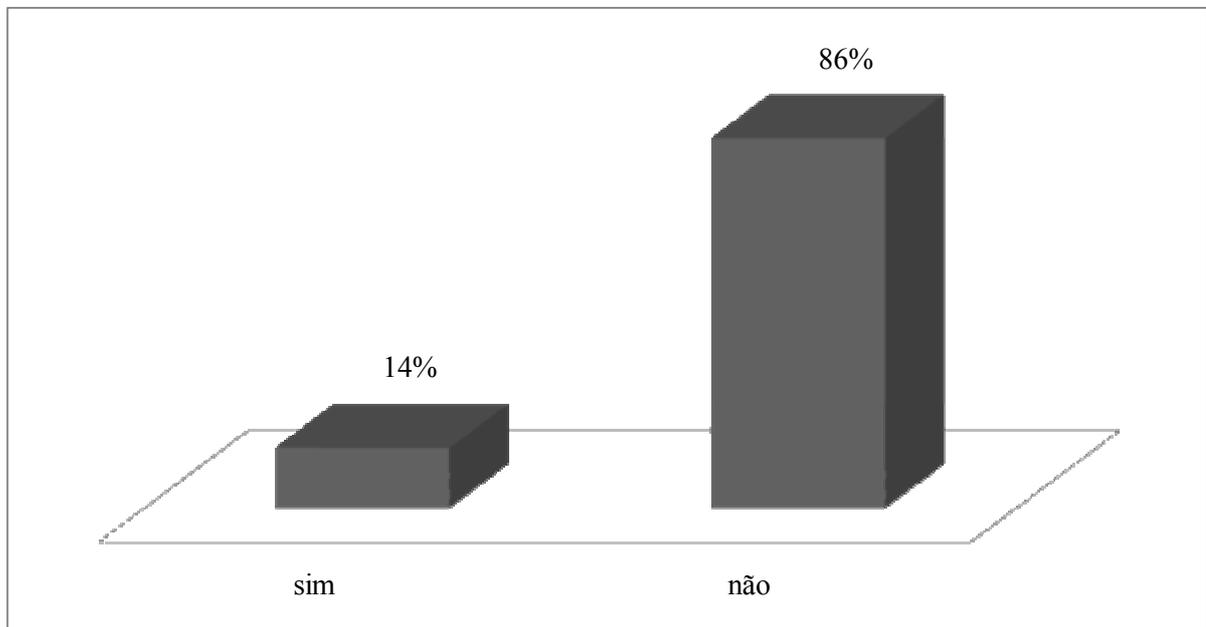
Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

O percentual de jovens que gostam de viver no campo é favorável, somando 76,20% do total dos entrevistados.

O que prende os jovens no campo segundo Pereira (2004) são os valores da família rural, destacando-se a solidariedade e as relações de amizade e parentesco. Na pesquisa, aqueles que pretendem ficar afirmam gostar de viver no campo, dizem gostar do contato com a natureza, dos grandes espaços para o lazer e do trabalho no campo.

A situação se inverte quando se pergunta se pretendem viver para sempre no campo. Apenas 14% dos jovens pretendem ficar no campo e 86% pretendem migrar para a cidade.

Figura 05 – Pergunta: Você pretende viver para sempre no campo?



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

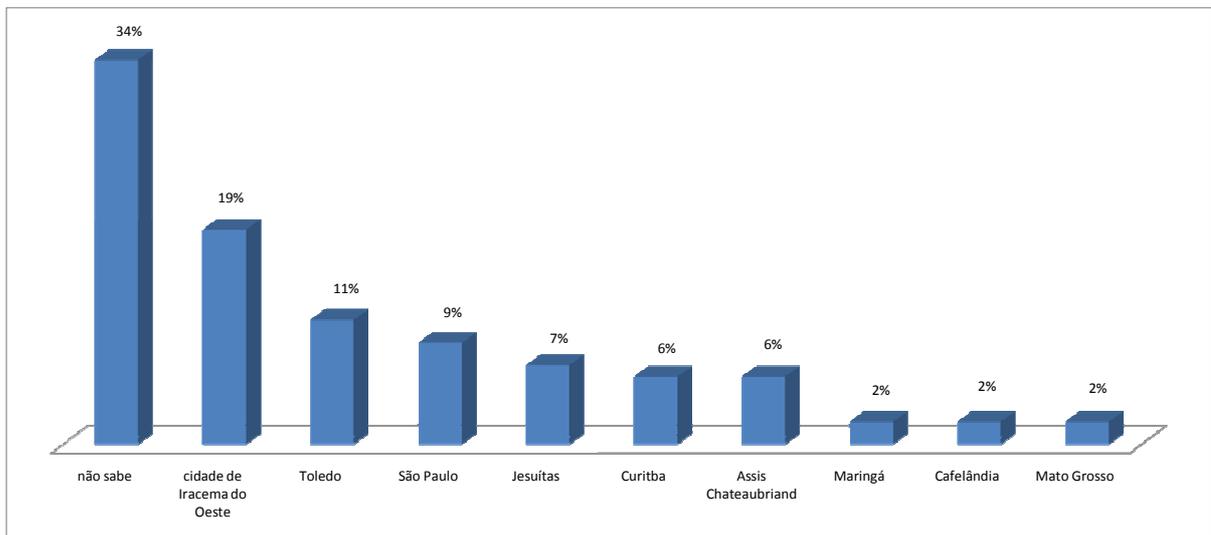
Estas duas perguntas foram fundamentais neste trabalho. A partir destas afirmativas foram realizadas várias análises considerando os que querem permanecer no campo e os que pretendem migrar para a cidade. Entende-se que desta forma é possível apontar as variáveis relacionadas à permanência no meio rural.

Dos jovens que pretendem migrar, 19% querem migrar para a cidade de Iracema do Oeste, 11% pretendem migrar para a cidade de Toledo, 8% para Jesuítas, 6% para Curitiba, 6% para Assis Chateaubriand, 9% para São Paulo. Os outros destinos lembrados são Maringá, Cafelândia, Mato Grosso e Espanha e 33% não sabem o destino. Os destinos mais próximos totalizam 44%, denotando que os jovens não pretendem romper definitivamente com o território onde cresceram, buscando a subsistência nas proximidades do município de origem,

onde permanecem os familiares. Além da cidade de Iracema, Toledo é o destino mais lembrado pelos que pretendem migrar.

Contudo, sair do campo e viver na cidade não é assim tão simples, haja vista que a cidade de Iracema do Oeste é uma cidade pequena, cuja dinâmica não favorece muitas possibilidades de emprego, nem de estudo e, a renda principal ainda é obtida da agricultura e pecuária. Essa dinâmica também é percebida nos municípios próximos como Jesuítas, Cafelândia e Assis Chateaubriand, lugar de destino de 15% dos entrevistados que pretendem migrar.

Figura 06 - Destino dos que pretendem migrar



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

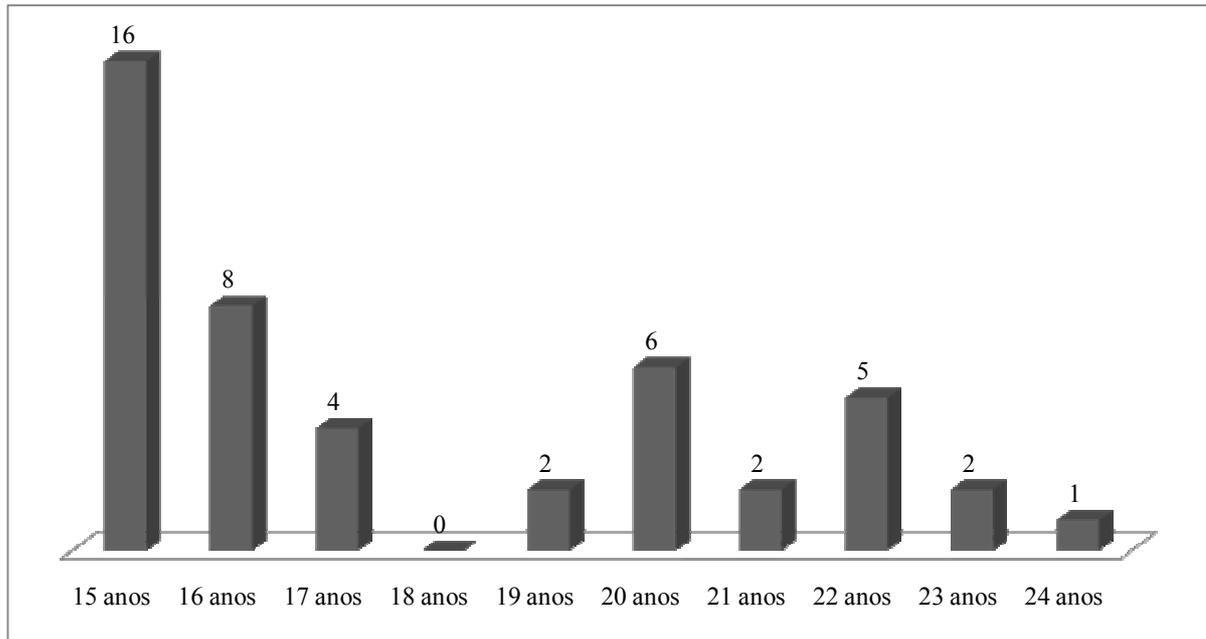
Talvez por isso, o destino de 30% dos entrevistados que pretendem migrar seja para centros maiores no Paraná e em outros estados.

5.1 A idade e sexo dos jovens rurais entrevistados

Do total de 46 de jovens rurais entrevistados, 16 tinham 15 anos, 8 tinham 16 anos, 4 tinham 17 anos, 2 tinham 19 anos, 6 tinham 20 anos, 2 tinham 21 anos, 5 tinham 22 anos, 2 tinham 23 anos e 1 tinha 24 anos.

Os jovens com idade entre 15 a 20 anos totalizam 78% do total de entrevistados. Os jovens com mais de 20 anos representam 22% dos entrevistados.

Figura 07 - Idade dos entrevistados

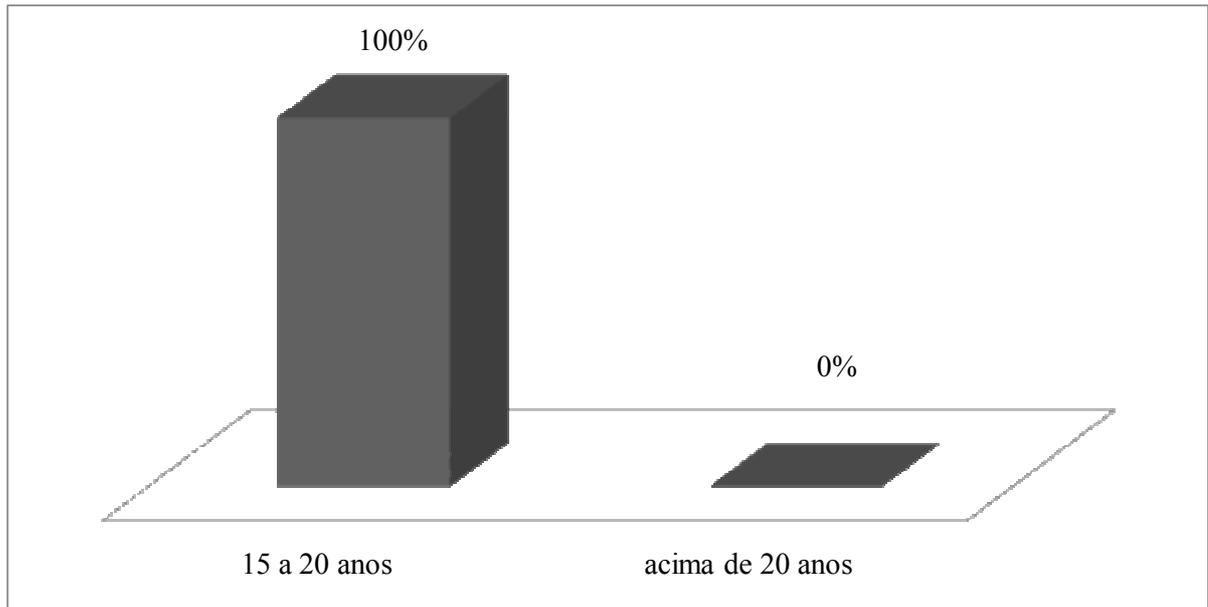


Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Dos jovens que pretendem permanecer no campo, 100% possui idade inferior a 20 anos. Ou seja, quanto menor a idade maior é o desejo por permanecer no campo. A situação se inverte em relação aos jovens com idade superior. Todos os jovens com idade superior a 20 anos pretendem migrar.

Essa constatação pode significar que enquanto passam pela fase da adolescência ou quando ainda muito jovens não há a preocupação com questões básicas como subsistência, inserção no mercado de trabalho. As preocupações ainda não atingiram este patamar. Com o avanço da idade, relacionamentos vão se delineando e a preocupação com a inserção no mercado de trabalho, a formação da própria família e a busca por renda própria se estreita. Parece ser este o momento em que as decisões pela saída são tomadas.

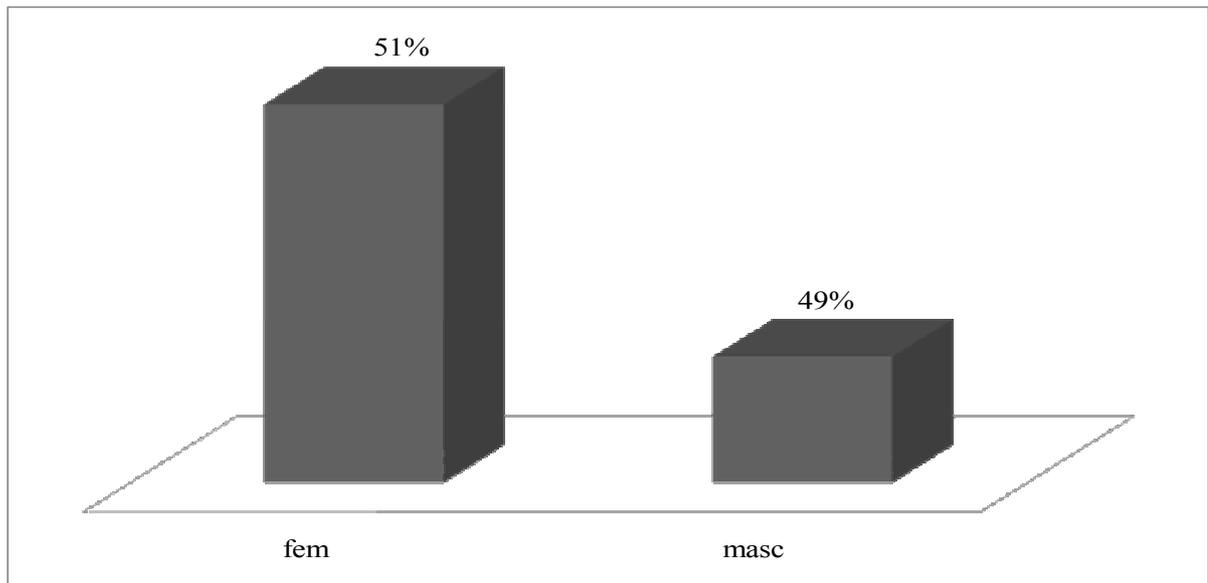
Figura 08 – Idade dos jovens que pretendem ficar no campo



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Do total de entrevistados 51% dos jovens é do sexo feminino e 49% do sexo masculino.

Tabela 09 - Sexo

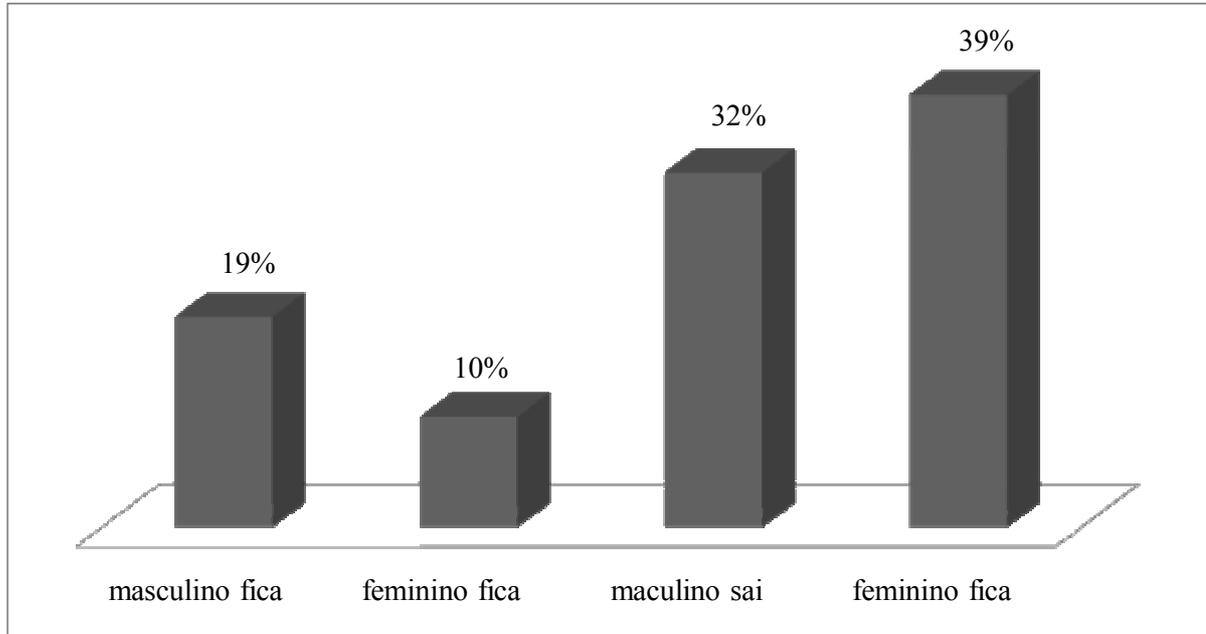


Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

A literatura consultada apontava para a masculinização do campo. Ao analisar a figura 09 verifica-se que a intenção das jovens por sair do campo é maior, 39% delas pretendem sair

do campo, enquanto para os jovens essa intenção é menor somando 32%. A situação se inverte para os que pretendem permanecer no campo, 19% dos jovens pretende ficar. Já o percentual de jovens do sexo feminino que pretende ficar é de apenas 10%.

Figura 10 – Sexo e intenção em sair do campo



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

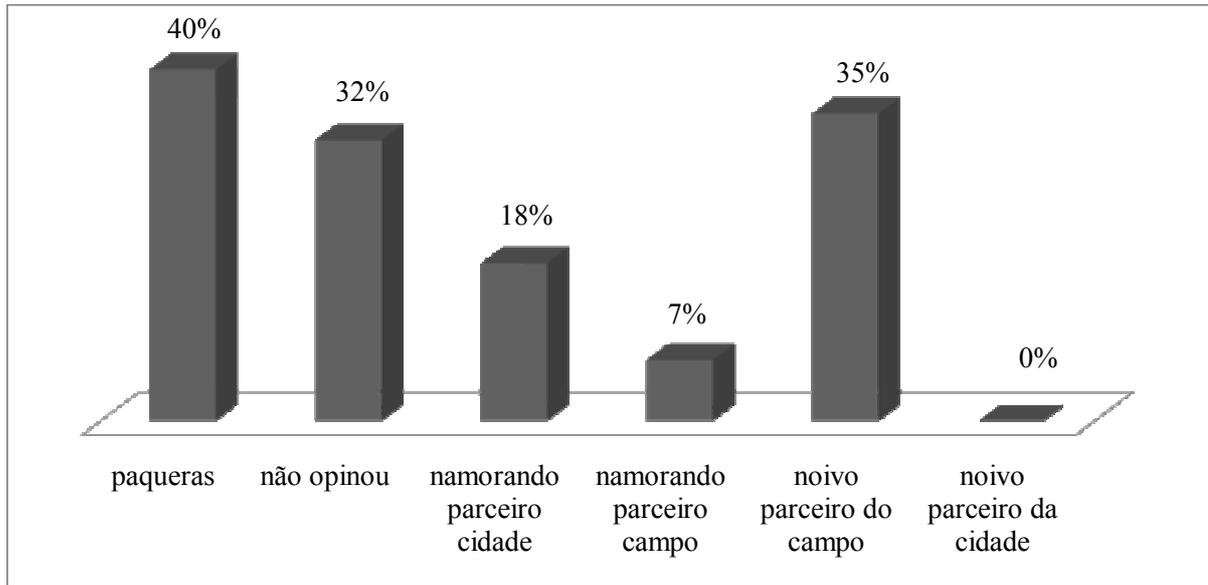
As análises a seguir podem explicar melhor o fenômeno de masculinização do campo.

5.2 Os relacionamentos

Um grande percentual dos jovens entrevistados não se manifestou a respeito de relacionamentos. A dificuldade em expressar sentimentos é evidente, por isso, 32% dos jovens não opinaram. Dos jovens que assumem estar namorando, 7% namoram parceiros do campo e 18% namoram parceiros da cidade. A possibilidade de construção da própria família, de uma relação baseada nos moldes dos pais também pode implicar na possibilidade de mudarem os projetos iniciais de vida que traçaram para si. Assim, a possibilidade de migrar para a cidade à procura de um emprego urbano, de seguir estudando para acompanhar o futuro esposo/esposa é bem considerável e é apontada em diversos estudos e pode ser o destino dos 18% de jovens que namoram parceiros da cidade. Neste estudo nenhum jovem rural entrevistado está noivo de parceiro da cidade, todos possuem parceiros do meio rural.

Um percentual considerável de 40% afirma estar paquerando.

Figura 11 – Relacionamentos

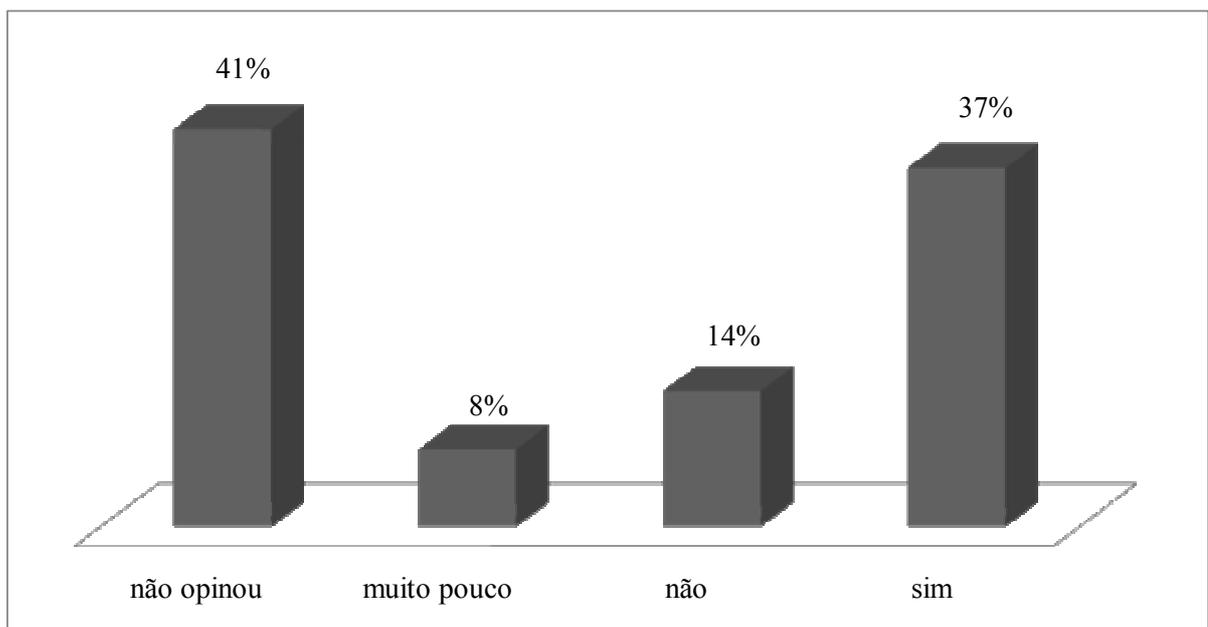


Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

5.3 As decisões em família

Brumer (2006) aponta em suas pesquisas para a insatisfação dos jovens por não participarem das decisões familiares. Essa exclusão seria ainda maior às mulheres. A alienação às decisões também seria motivo para a migração para a cidade.

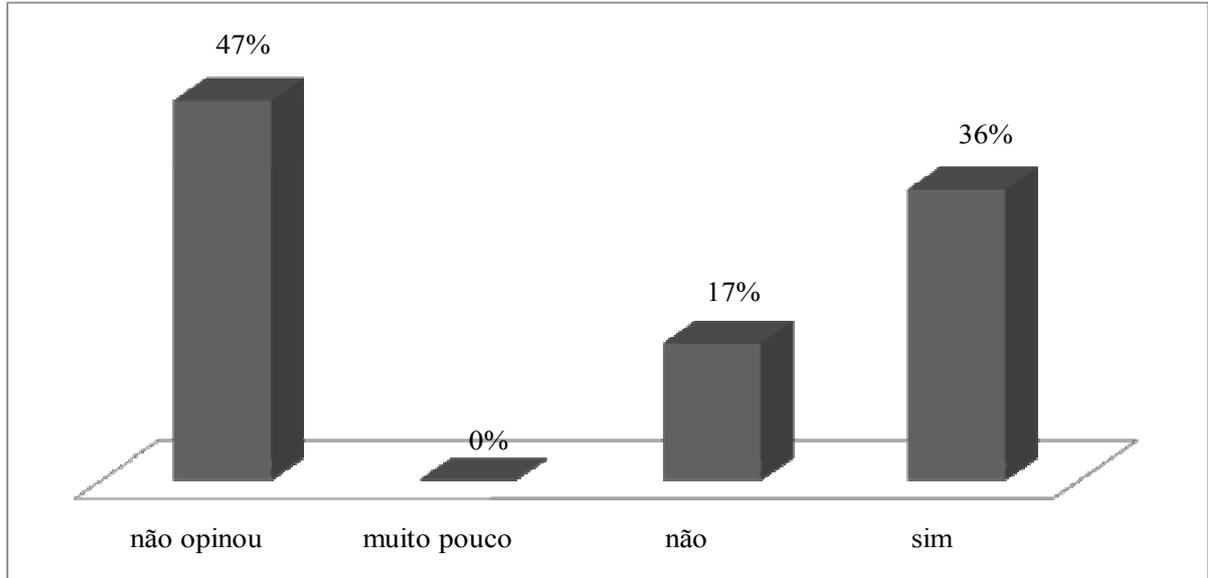
Figura 12 - Pergunta: Você participa das decisões em família?



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Perguntados, 37% dos jovens rurais de Iracema do Oeste afirmam que participam das decisões em família, 14% não participam, 8% participam muito pouco e 41% não opinaram. As respostas dos jovens sinalizam poucas mudanças no bojo familiar.

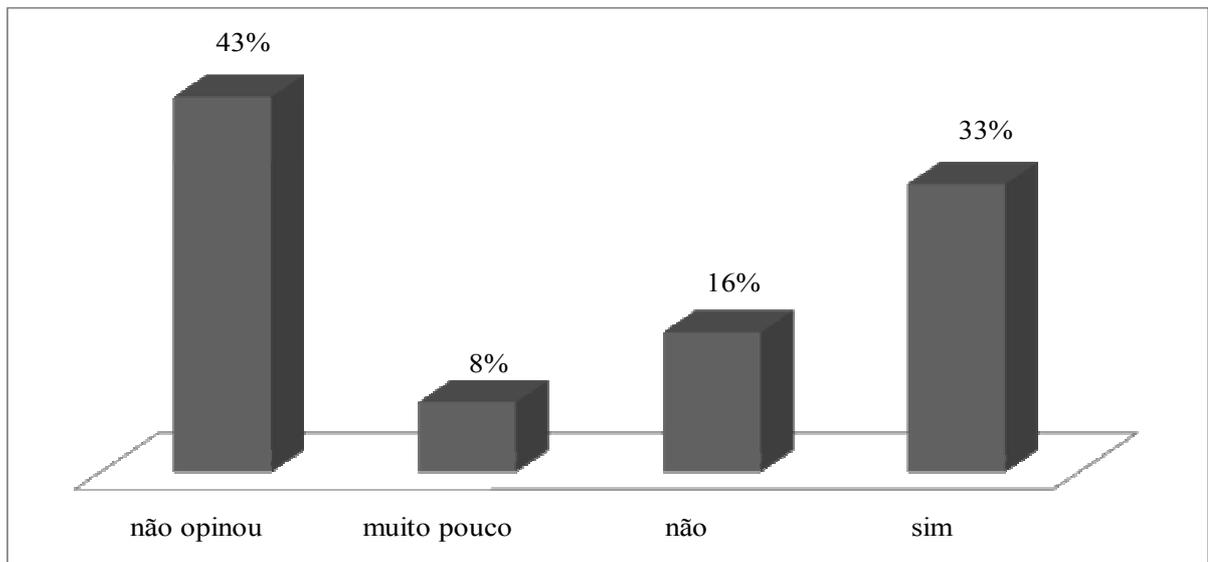
Figura 13– Pergunta às jovens rurais: Você participa das decisões em família?



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Não se visualizou favorecimento aos jovens rurais. As jovens rurais parecem exercer o mesmo poder de participação.

Figura 14 – Pergunta aos jovens rurais: Você participa das decisões em família?



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

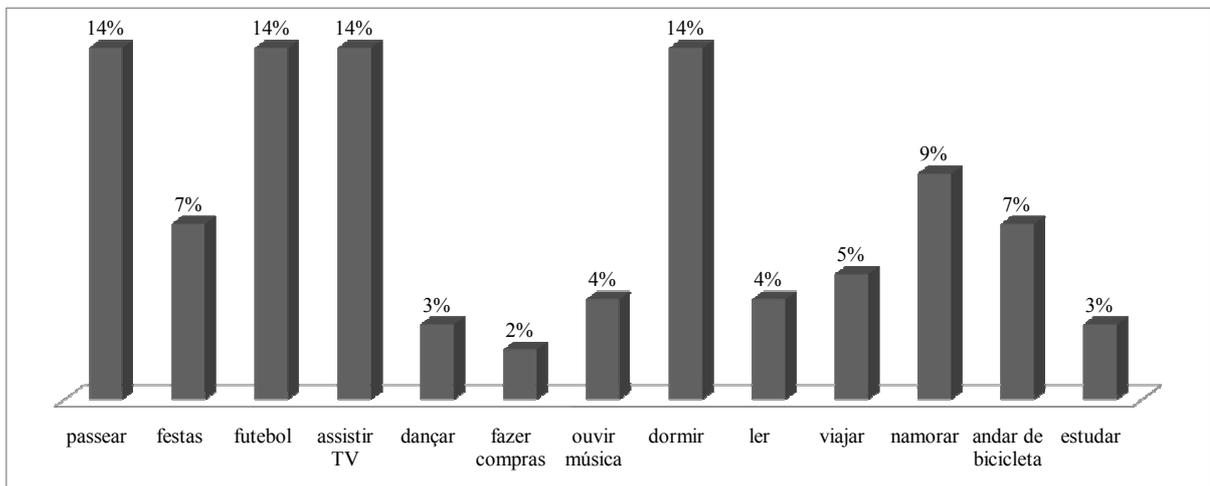
5.4 As opções de lazer

No que se refere às opções de lazer ao convívio social dos jovens entrevistados, prevalecem as amizades, a convivência com vizinhos, parentes e outras pessoas da comunidade. Quando perguntados sobre o que faziam nas horas vagas, 56% responderam possuir hábitos de jogar futebol, assistir TV, ouvir música e dormir. As famílias permitem, segundo os jovens, a participação nas comunidades rurais, sendo esta a forma mais efetiva de participação social, que se resume em participação em festas, bailes e torneios de futebol, geralmente organizados pelas comunidades religiosas (capela da comunidade). Porém a frequência destes acontecimentos é bem pequena durante o ano. A frequência às igrejas não foi citada pelos entrevistados.

Os lugares onde eles se encontram são escolas e praças públicas, na intenção de conversar, namorar e preencher o tempo livre.

Os hábitos de lazer dos jovens entrevistados se diferem dos hábitos de jovens urbanos, principalmente no que se refere às opções de frequentar boates, bares. O acesso a internet não é relatado por nenhum deles.

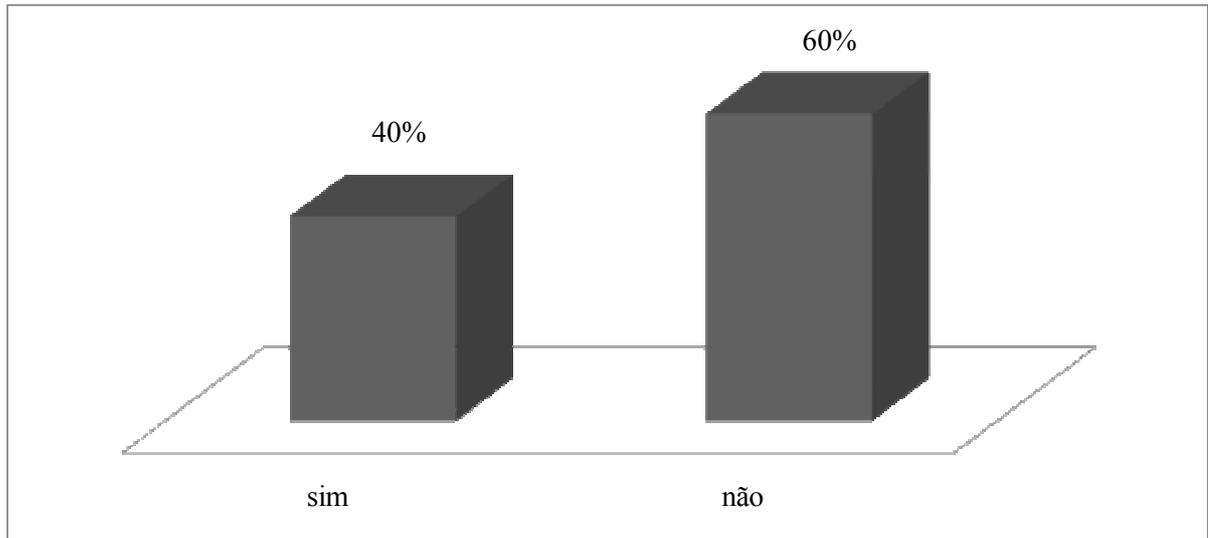
Figura 15 – Opções de lazer



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Apenas 10% possuem hábitos de sair para bailes, festas e danças. A possibilidade de não terem liberdade para tal não se confirma, uma vez que 86% dos jovens têm liberdade para sair e se divertir (figura 16).

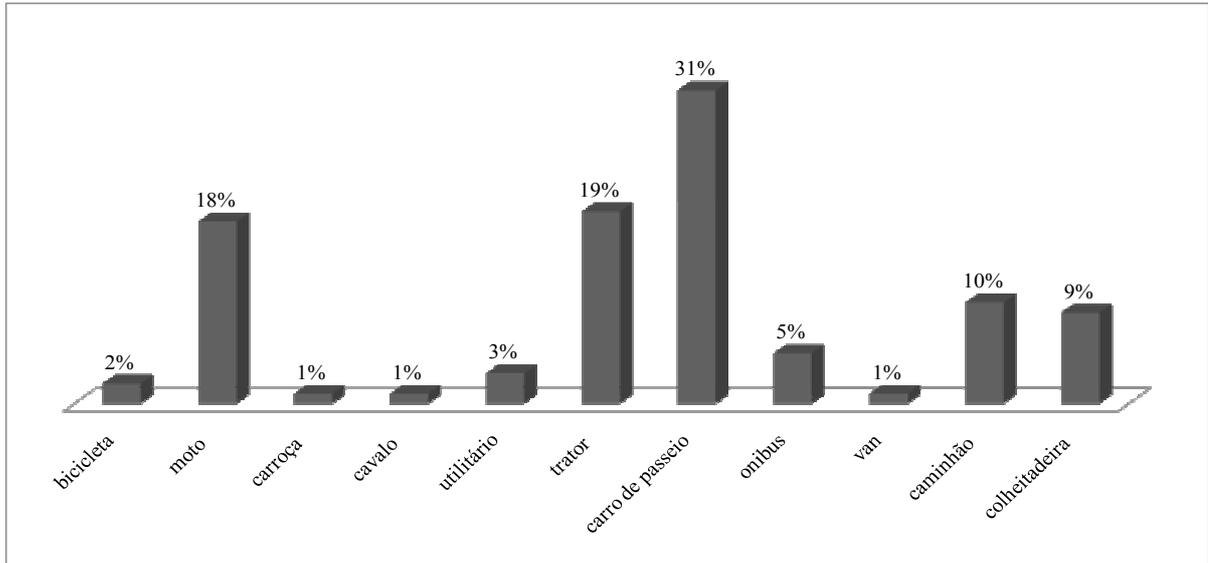
Figura 16 – Liberdade/autonomia para sair, se divertir.



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

A maioria dos entrevistados (87%) nunca assistiu a espetáculos de teatro, tampouco frequentou salas de cinema e muito menos shopping centers. Dentre as razões para a não participação está a ausência destes serviços e estabelecimentos na cidade sede de Iracema do Oeste. Dos jovens, 10% tem menos de 18 anos portanto não possuem carteira de habilitação, impedindo o deslocamento para centros maiores em busca destes serviços. Essa situação os deixa à mercê da vontade familiar em se deslocar para outros centros maiores, restando poucas opções. O percentual de jovens cujas famílias que possuem veículo para deslocamentos mais distantes é pequeno (31%). O município não dispõe de transporte intermunicipal em finais de semana, mesmo durante a semana os horários disponíveis não são compatíveis com eventos de lazer, que geralmente ocorrem no período noturno.

Figura 17 – Veículos e meios de transporte da família

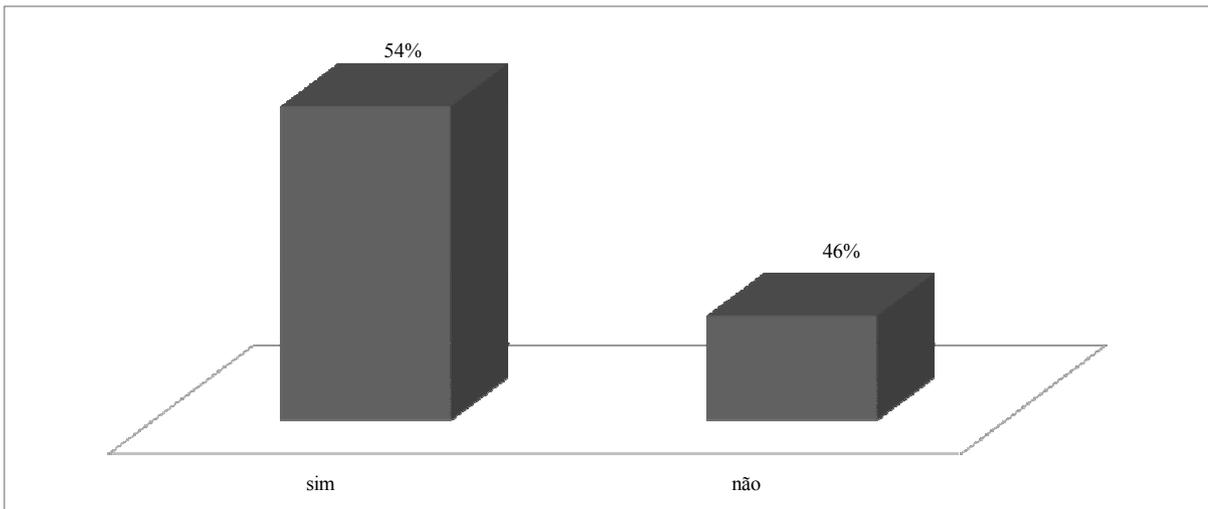


Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

5.5 A estrutura familiar

Um aspecto que chama atenção neste estudo é o elevado percentual de famílias que não residem em propriedade própria no meio rural, 46%.

Figura 18 – A família reside em propriedade própria?

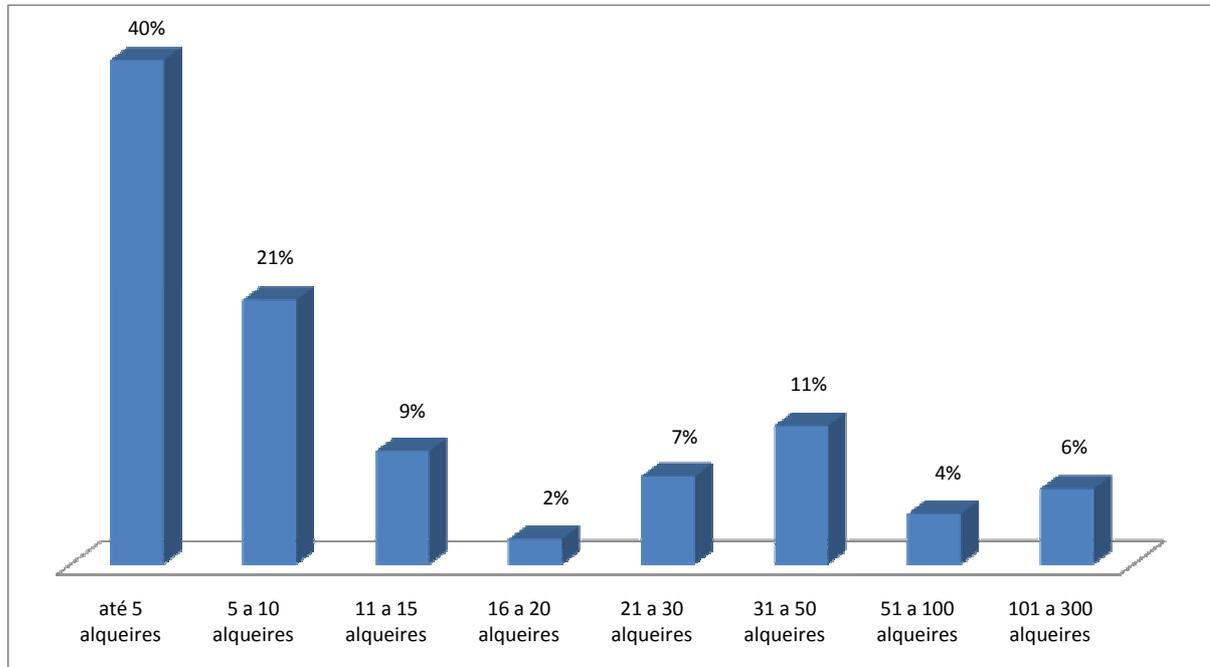


Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Em relação ao tamanho das propriedades das famílias dos jovens entrevistados 7% residem em propriedades de 2 alqueires de extensão, 16% residem em propriedades de 3

alqueires, 16% com 5 alqueires, 7% com 6 alqueires, 7% com 9 alqueires, 7% com 10 alqueires, 7% com 15 alqueires. O maior percentual é de pequenas propriedades.

Figura 19 – Tamanho da propriedade em alqueires

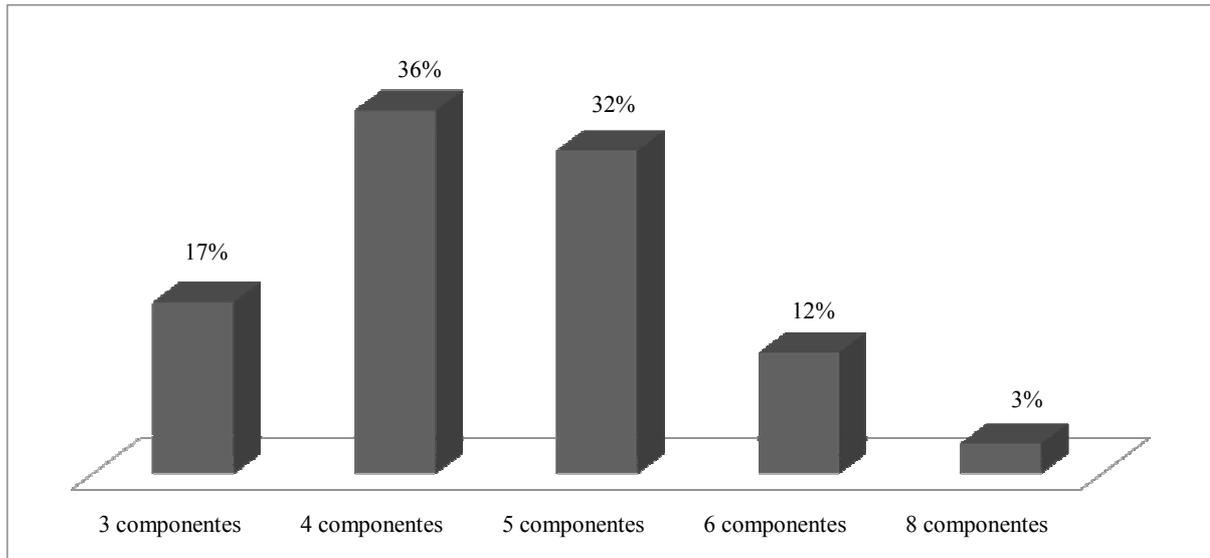


Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

A composição do núcleo familiar dos jovens entrevistados mostra que as famílias são compostas por 3 a 6 pessoas, com média de 4, 21% possuem famílias com apenas três componentes, 38% possuem famílias com quatro pessoas, 30% possuem famílias com 5 componentes. Isto significa que hoje os jovens convivem em famílias bem mais reduzidas se comparadas à geração anterior. Outrora era comum a composição por mais de 10 membros formados pelos pais, pelos jovens, pelos irmãos mais velhos e mais novos e ainda outras pessoas ligadas por algum grau de parentesco. Este era um dos motivos, fatores de expulsão de jovens do campo, uma vez que não conseguiam em pequenas propriedades fonte de renda que garantisse a subsistência de todos os componentes da família. A redução do número de componentes na família motivaria a permanência dos jovens no campo, pois a renda obtida na propriedade seria suficiente para suprir as necessidades destes jovens?

As figuras 20 e 21 apontam para a existência de relação entre o número de componentes na família e intenção de sair ou ficar no campo. Os dados apontam que a tendência por migrar também depende da composição familiar.

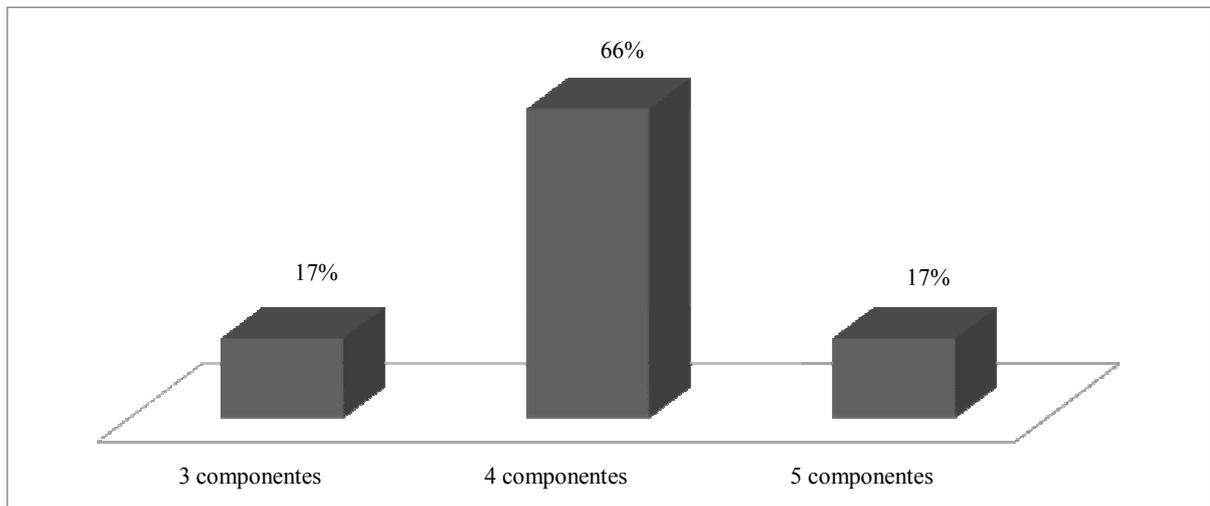
Figura 20 – Número de componentes na família e intenção em sair do campo



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Essa tendência pode estar relacionada também ao tamanho da propriedade. A figura 19 mostra que 40% das propriedades tem até 5 alqueires.

Figura 21 – Número de componentes na família e intenção em ficar no campo

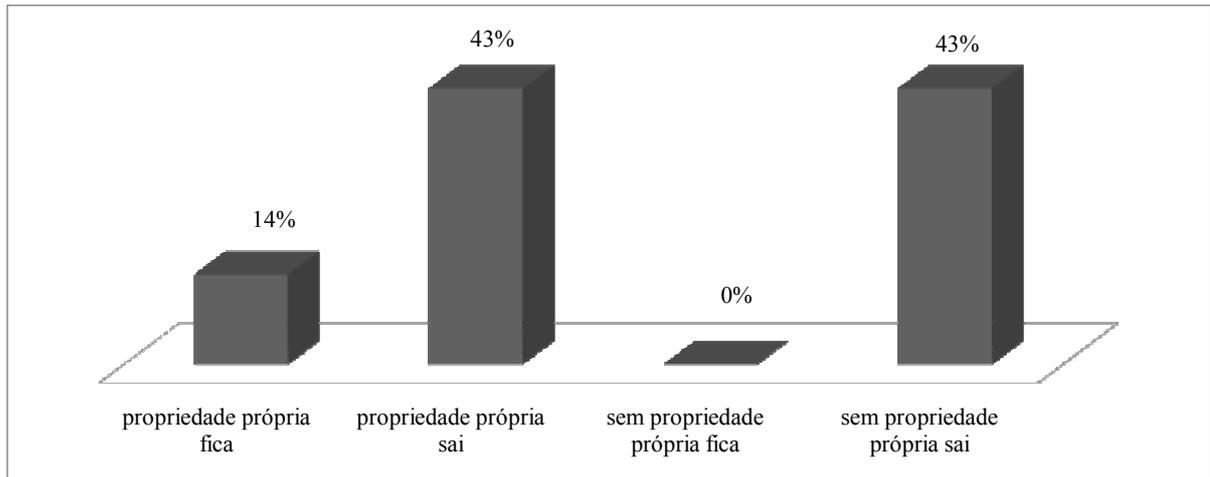


Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Do total entrevistado, 14% dos jovens possuem própria e intencionam permanecer, 43% deles possuem propriedade própria e querem migrar para a cidade e 43% sem propriedade própria pretendem migrar.

Nenhum dos jovens cujas famílias não possuem propriedade própria intencionam ficar. Assim, possuir propriedade parece ter relação ou no mínimo influencia na permanência dos jovens no campo.

Figura 22 – Propriedade e intenção de sair ou ficar no campo



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Dos que pretendem permanecer, conforme aponta a figura 21, 66% dos jovens são de famílias com 4 componentes, 17% são de famílias com 3 componentes. O percentual de jovens cujas famílias possuem mais de 5 componentes totaliza 17%. O percentual maior é de famílias com até 4 componentes.

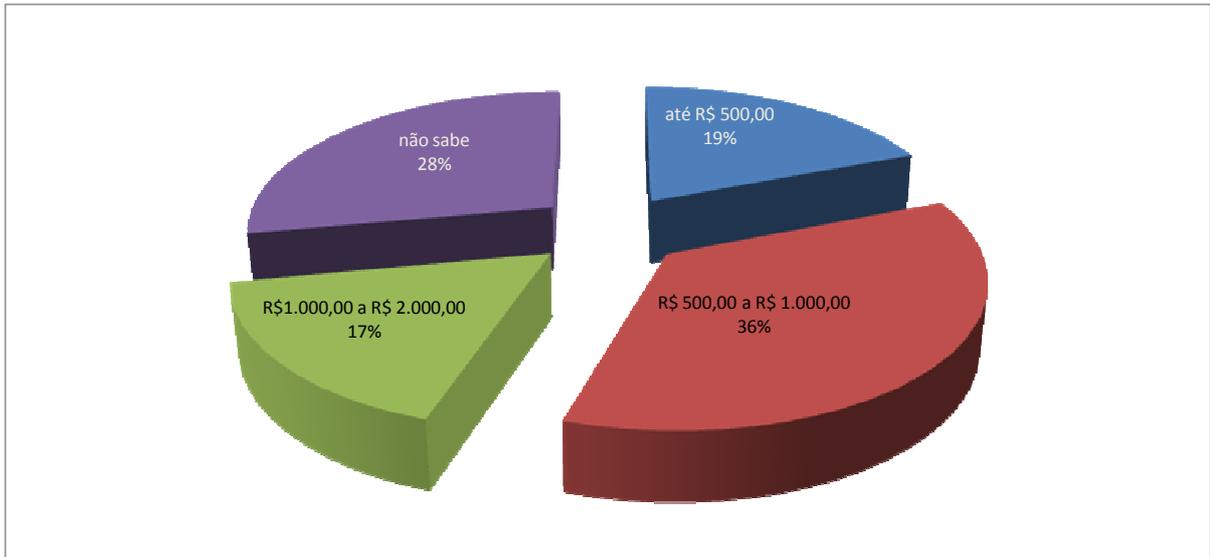
Já nas famílias daqueles que pretendem migrar, 36% possuem famílias com 4 componentes. O percentual de jovens cujas famílias com até 3 componentes diminuiu, totalizando 17%, 32% deles possuem famílias com 5 componentes, 12% com 6 componentes e 3% com 8 componentes.

O processo sucessório não transparece ou não foi demonstrado pelos jovens entrevistados. Observa-se que o processo de transmissão ao filho mais novo não é mais comum, uma vez que a partilha das propriedades são realizadas de forma igualitária. A preferência por ficar é uma escolha mais comum nos rapazes, mas não a regra geral.

A renda mensal total da família dos jovens rurais entrevistados oscila entre R\$ 200,00 a R\$ 1.700,00. O maior percentual possui renda de até R\$ 1.000,00. Apenas 17% das famílias possuem renda superior a R\$ 1.000,00. O número de jovens rurais que não sabem a renda familiar é bem considerável, 24% deles afirmaram desconhecer a renda familiar. Por isso, a renda familiar também é determinante na decisão por migrar e permanecer.

A renda familiar também é determinante na decisão por migrar e permanecer. Quanto menor a renda, menor é a intenção em sair do campo. O mesmo acontece com as maiores rendas. O percentual de jovens que pretendem sair, com menores e maiores rendas é bem menor, do que aqueles cujas rendas são intermediárias.

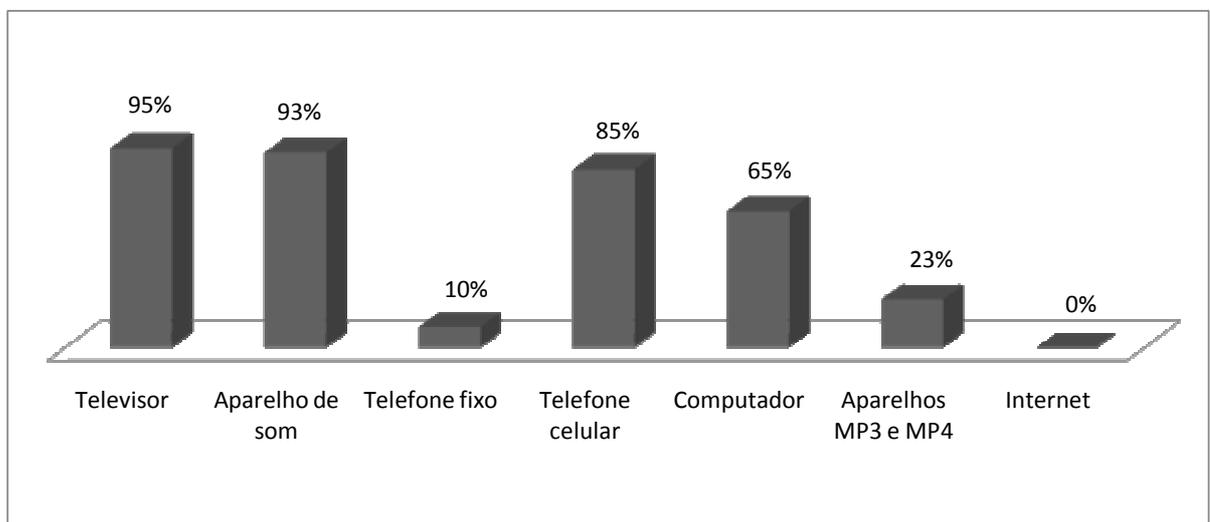
Figura 23 – Renda familiar mensal



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Dos entrevistados, 95% possuem televisor em suas casas, 93% possuem aparelho de som, 10% possuem telefone fixo em suas residências, 85% possuem telefone móvel(celular), 65% possuem computador, 23% dos jovens possuem aparelhos de MP3 ou MP4, nenhum entrevistado dispõe de internet em sua residência.

Figura 24 – Utensílios da família



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

5.6 O trabalho

Os resultados apresentados nas figuras 25, 26 e 27 mostram que os jovens pesquisados estão sendo inseridos no trabalho desde cedo, iniciando com tarefas mais leves, ajudando na criação e nos afazeres domésticos. Para Vela *et all* (2005) “(...) é o início do processo de divisão social do trabalho que no meio rural começa ainda na infância”.

A maior abertura nas relações no bojo familiar não conseguiu superar ainda a questão de gênero e o reconhecimento do trabalho feminino, pois as moças não apresentam um envolvimento direto no trabalho agrícola.

Assim como em todos os estudos apontados por pesquisadores relacionados neste trabalho, as jovens rurais de Iracema do Oeste pesquisadas também têm pouco espaço para a atividade agrícola, onde atuam apenas como auxiliares. O questionário aplicado mostra que 59% das jovens ajudam as mães nas tarefas domésticas, 10% ajudam cuidando da criação, apenas 6% ajudam na lavoura, 6% não trabalha e 19% trabalham na cidade de Iracema do Oeste. As jovens trabalham na cidade em percentual maior (19% - figura 26), enquanto para os jovens este percentual é menor (9% - figura 27).

Já os jovens ajudam os pais mais diretamente nas atividades ou nos serviços considerados mais pesados. Neste sentido, 36% ajudam na lavoura, 34% cuidam da criação, apenas 20% deles ajuda nos afazeres domésticos, 1% trabalha em outra propriedade e 9% trabalham na cidade de Iracema do Oeste. Destaca-se que 100% dos jovens pesquisados auxiliam/trabalham na propriedade.

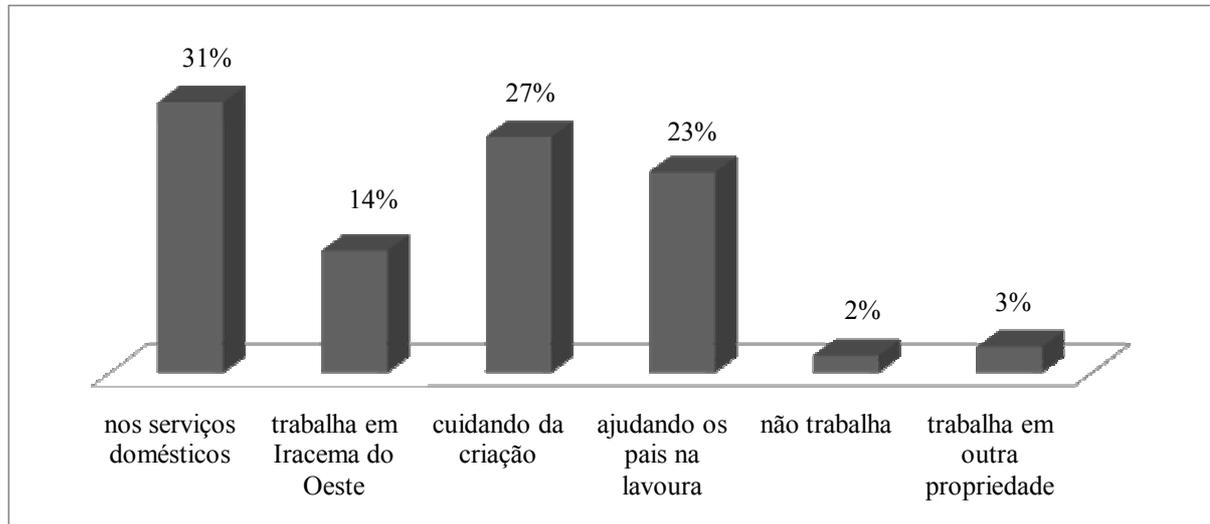
Vela *et all*. (2005) destacam que:

(...) para os jovens, o trabalho passa a ser realizado com mais responsabilidade, com mais esforço físico para o manuseio dos instrumentos, transformando-os em jovens em agricultores plenos desde muito cedo, não somente pela força física do manuseio dos instrumentos, mas também pelo conhecimento adquirido da geração anterior.

Os jovens entrevistados dividem seu tempo de trabalho com os estudos, e, nas férias escolares trabalham de forma integral. Alguns dos que não estudam dedicam seu tempo para trabalhar em empresas na cidade de Iracema do Oeste.

As moças entrevistadas assim como os rapazes, também dividem seu tempo entre os estudos e o trabalho, as que já pararam de estudar trabalham na cidade de Iracema do Oeste.

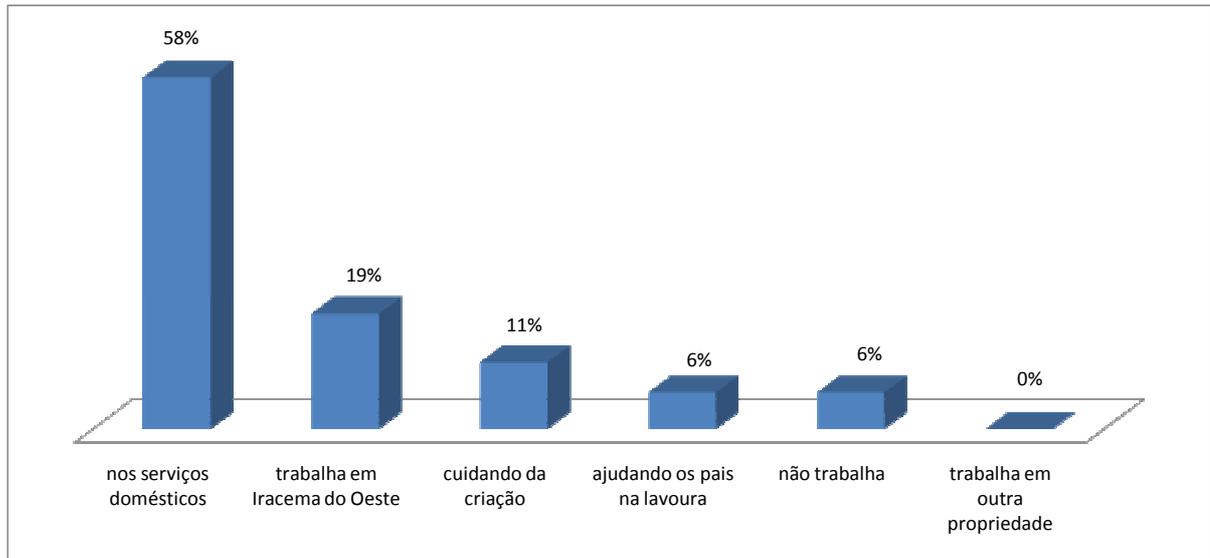
Figura 25 – Trabalho – Situação geral



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

No rural contemporâneo estaria uma combinação de atividades típicas do meio urbano, como as do setor de serviços e as atividades agrícolas. A tendência se confirma uma vez que um grande percentual de jovens se encontrava trabalhando na agricultura familiar, um percentual trabalha fora da propriedade em ocupações em empresas, escolas e instituições públicas ou em outras propriedades. Nas propriedades agrícolas onde estes jovens estão inseridos, ocorre a produção diversificada (frangos/aviários, porcos, prática de diversas culturas), o que favorece a obtenção de renda considerável. Contudo o trabalho na agricultura não rende remuneração a nenhum dos jovens entrevistados. Os entrevistados afirmam que a cada safra, ou entrega de lotes de porcos ou frangos, a família realiza compras de itens e utensílios que eles necessitam. Nenhum recebe mesada ou salário.

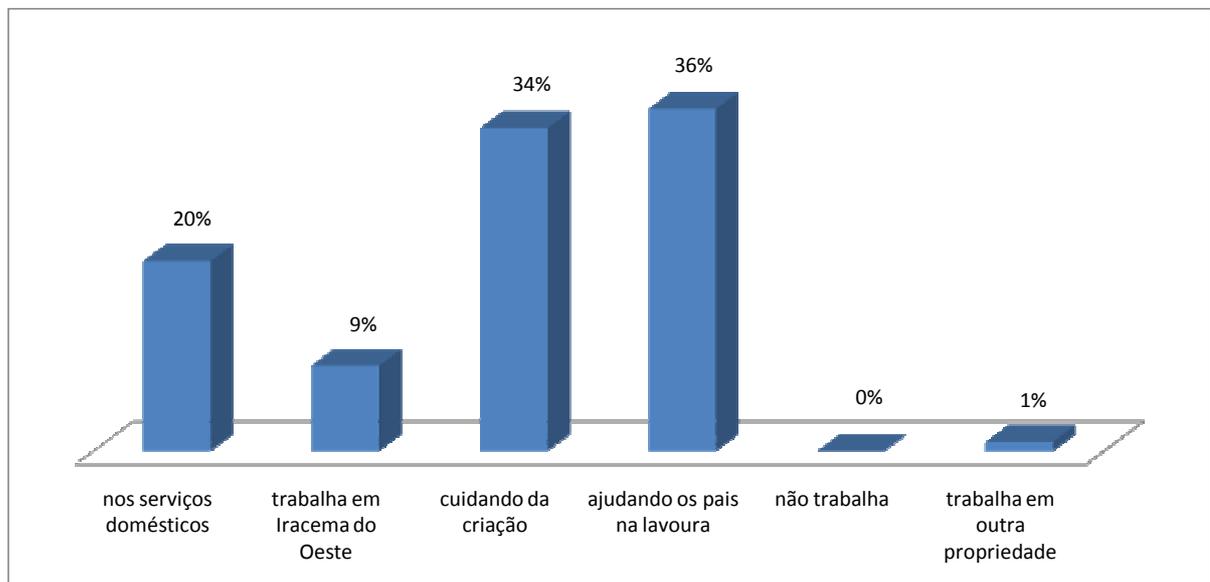
Figura 26 – Trabalho feminino



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Todos os jovens trabalham apesar da pouca idade, 36% deles ajudam na lavoura, 34% trabalham cuidando da criação, 1% trabalha em outra propriedade, 9% trabalha na cidade de Iracema do Oeste. Stropasolas, (2004), afirmava que a acentuada migração feminina acontecia principalmente por estarem mais preparadas para enfrentar a vida urbana, elas questionariam a vida camponesa. De fato, o percentual de jovens rurais do sexo feminino trabalhando na cidade é superior aos jovens do sexo masculino, mesmo residindo no meio rural.

Figura 27 – Trabalho masculino



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

5.7 A escolaridade

Em relação ao grau de escolaridade, neste estudo evidencia-se que a maioria está matriculada no ensino fundamental e médio. Não houve evidências da existência de jovens analfabetos.

Destaca-se que o ensino médio é a máxima escolaridade oferecida pelo município. Os jovens precisam se deslocar para outros municípios para cursar ensino superior. Este é o privilégio de 50 jovens que são auxiliados com transporte escolar pela Prefeitura Municipal.

Realizar estudos com jovens que foram além deste grau de escolarização em geral, implica em estudar os que já deixaram o núcleo familiar e o meio rural, (figuras 29 e 30) pois os questionários mostram que quanto maior o grau de escolarização, maior é a tendência pela saída dos jovens do meio rural.

Assim como em muitos estudos realizados com jovens rurais neste país, o acesso à educação e, conseqüentemente, o maior grau de escolaridade constitui-se numa das variáveis mais importantes e significativas relacionadas entre ficar ou sair do meio rural.

De acordo com as figuras 27, 28 e 29 a permanência no meio rural parece estar relacionada com a aptidão dos jovens para o estudo. Ou seja, a saída precoce dos jovens dos bancos escolares, determina a sua futura profissão (a de agricultor), pois na concepção das famílias, para esta profissão basta o conhecimento repassado da geração anterior.

Desta forma, o meio rural parece estar condenado a acolher os que possuem menos aptidões pelos estudos.

A relação entre estudo e trabalho se mostrou tranquila entre os jovens entrevistados, ou seja, dividir o tempo entre os estudos e o trabalho não foi visto pelos entrevistados como cansativo. Os que trabalham o dia todo auxiliando nos afazeres rurais estudam à noite e vêm nos estudos a possibilidade de estarem junto aos amigos, considerado por eles como uma oportunidade de socialização e “lazer”.

A época de safra das principais culturas produzidas no município não tem atrapalhado os estudos destes jovens.

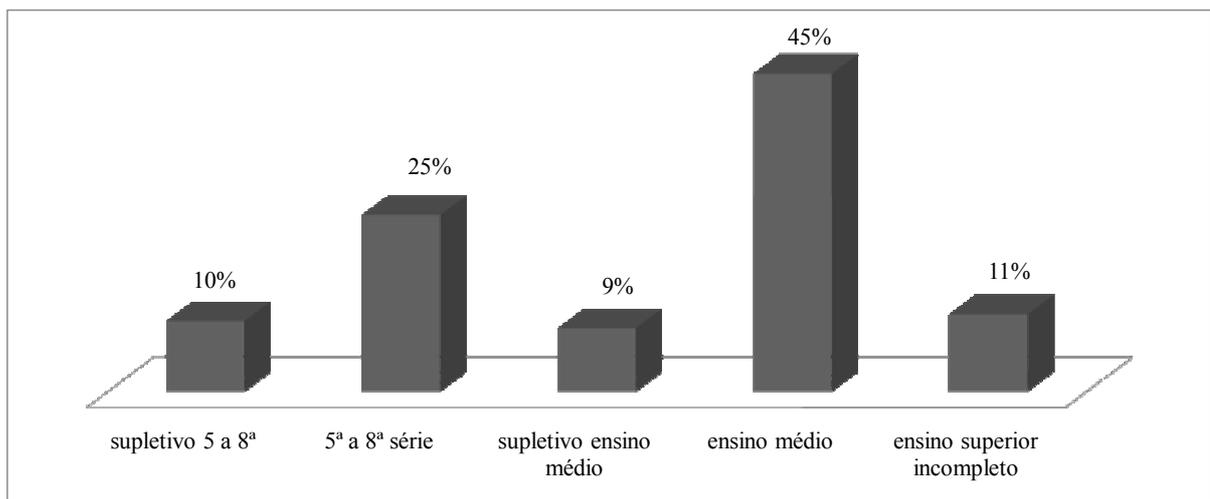
A escolha dos jovens entrevistados por um curso superior implicou necessariamente na escolha de uma profissão de características urbanas. Todos estão cursando Educação Física em Toledo e Pedagogia em Assis Chateaubriand. Nenhum deles está matriculado em cursos relacionados à agricultura. Este fator pode explicar (figura 29) porque nenhum dos jovens que estão cursando ensino superior pretende permanecer no campo.

O maior nível de escolaridade dos jovens em relação à geração anterior parece ter influência direta com o transporte escolar. As facilidades de deslocamento das casas até a escola associadas aos custos deste transporte subsidiados pela prefeitura e estado não oneram as despesas das famílias. Estas facilidades têm aumentado a presença dos jovens nos bancos escolares, o que pode significar um aumento ainda maior da migração dos jovens para centros urbanos.

Para completarem seus estudos até o ensino médio, ocorre uma passagem por 3 escolas. Este processo inicia em escola primária (educação básica e de 1º a 4º série do ensino fundamental), não mais existente no meio rural, a única escola está localizada na cidade de Iracema do Oeste. Posteriormente, freqüentam outra e única escola do município em que concluem do ensino fundamental e médio.

Nas falas e conversas com os jovens entrevistados não se percebeu um fator muito presenciado em estudos com jovens rurais denominado de “violência simbólica”, apontado por Stropasolas (2002), em que estes sofrem com o preconceito e discriminação por não se comportarem ou se expressarem nas gírias ou palavras criadas na cidade. Na realidade a identidade cultural dos jovens urbanos, neste município, não é muito distinta da dos jovens rurais.

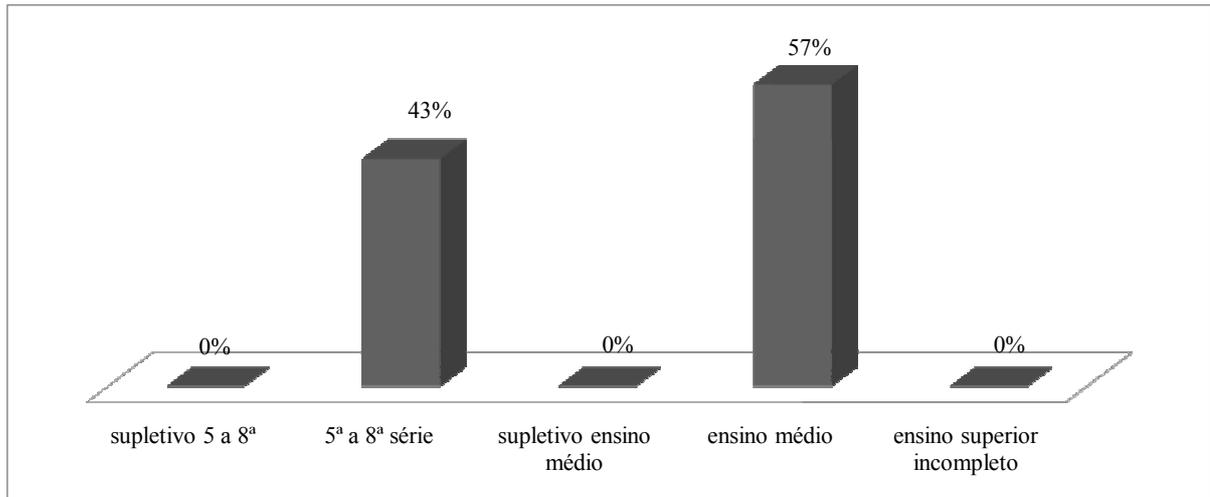
Figura 28 – Escolaridade dos Jovens entrevistados



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Cem por cento dos jovens cursando ensino superior pretendem sair no campo. Destes estudantes, nenhum direcionou seus estudos para assuntos relativos ao meio rural, ou seja, conhecimentos possíveis de aplicação no campo. Um grande percentual é estudante de 5ª a 8ª série (66%), 28% cursa ensino médio e 6% cursa supletivo de 5ª a 8ª série.

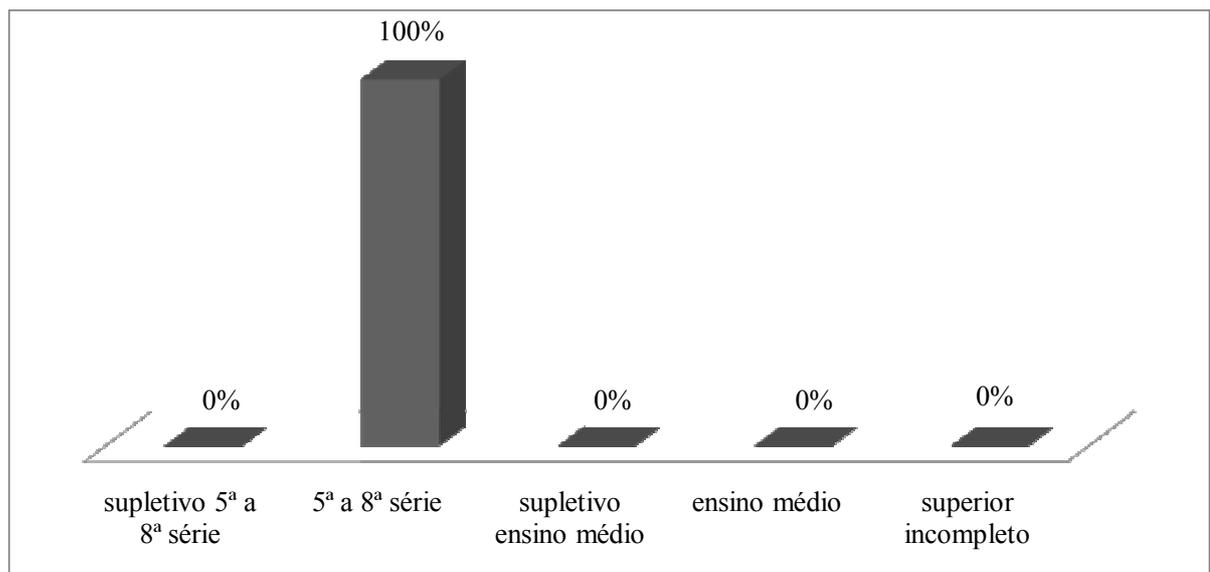
Figura 29 – Escolaridade dos jovens com propriedade própria que pretendem ficar no campo



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

A idéia de buscar uma relação entre propriedade própria, escolaridade e permanência no campo não se confirma. Não parece existir relação direta entre estes fatores. Dos que possuem propriedade própria e pretendem ficar 43% cursam ensino fundamental de 5ª a 8ª série e 57% são estudantes de ensino médio. Notadamente nenhum estudante de ensino superior pretende ficar. Para os jovens com propriedade própria ao aumento da escolaridade pode representar maiores chances de saída do campo.

Figura 30 – Escolaridade dos jovens sem propriedade própria que pretendem ficar no campo



Fonte: Elaborada pela autora a partir das respostas obtidas do questionário aplicado.

Para os jovens que não possuem propriedade própria, 100% dos que pretendem permanecer são estudantes de 5ª a 8ª série. Ou seja, permanece aquele que possui menor escolaridade. A baixa escolaridade representa menores chances de emprego na cidade. Dessa forma eles continuam no campo, junto à família para garantir a subsistência.

A reprodução do formato do processo sucessório, vivenciado na década de 1970, em que prevalecia o minorato não se repete na atualidade. A sucessão na realidade não ocorre como outrora, o que prevalece é a partilha dos bens. O que pode acontecer, segundo relatos é um dos componentes da família adquirir os lotes pertencentes aos demais para não reduzir a propriedade drasticamente inviabilizando a sobrevivência de vários núcleos familiares. Com dinheiro obtido da venda da parcela da propriedade que lhes pertencia, as pessoas adquirem propriedades ou lotes no perímetro urbano, para onde migram a partir de então. Também é comum a venda de toda a propriedade, e, todos os componentes da família migram para outros espaços, em especial os urbanos. A partir de então não é difícil fazer uma projeção sobre os principais problemas a serem enfrentados pelos novos moradores dos centros urbanos, como o desemprego e os baixos salários em detrimento da baixa escolaridade. A partir de então, uma sucessão de problemas sociais relacionados a pouca estrutura vai se somando a tantos outros problemas típicos do meio urbano. Ressalta-se que esta realidade ainda não foi apontada por nenhum outro estudo a respeito da categoria no país.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou apresentar um perfil de jovens rurais de Iracema do Oeste e testar a hipótese apresentada.

Para tanto aplicou-se um questionário sócio-econômico a 46 jovens rurais de Iracema do Oeste. As questões sugeriam a obtenção de respostas para comprovar ou não a hipótese levantada neste estudo e, ainda, a verificação da existência de problemas em comum enfrentados pela categoria também em outras regiões, já apontados por autores em diversos estudos.

As principais constatações serão elencadas a seguir:

O atual formato de sucessão novamente desfavorece as moças contribuindo com as estatísticas que apontam a masculinização do campo. Isso porque, apesar das evidências de ocorrência de mudanças na sucessão das terras, a essência do processo continua favorecendo os rapazes, uma vez que os homens mais familiarizados com a lida do campo estão mais preparados para enfrentar os novos empreendimentos sozinhos. As mulheres não são encorajadas para tal, o espaço dado a elas na agricultura familiar continua ínfimo.

Isso porque as relações no bojo familiar não conseguem superar questões de gênero como o reconhecimento do trabalho feminino. As facilidades decorrentes da mecanização agrícola exigiriam menor esforço físico das moças, possibilitando-as manipular máquinas, conduzirem tratores e utilitários agrícolas sem dificuldades. A condição de fragilidade biológica sempre foi a variável explicativa que justificava a pouca participação das moças no trabalho pesado da lavoura. Contudo, apesar das mudanças tecnológicas, as moças não apresentam um envolvimento agrícola direto e efetivo. As jovens rurais de Iracema do Oeste pesquisadas têm pouco espaço para a atividade agrícola, onde atuam apenas como auxiliares. Passadas mais de três décadas e a realidade vivenciada pelo universo feminino no campo não parece mudar. As jovens buscam reconhecimento profissional fora da propriedade agrícola, por isso parte delas trabalham na cidade de Iracema do Oeste. O universo feminino visualiza menos oportunidades de auto-realização no campo, por isso a opção por migrar é superior em relação aos rapazes.

Já os rapazes ajudam os pais diretamente nas atividades e serviços considerados mais pesados. Os cuidados com a criação são atribuições dos irmãos de menos idade, quando em famílias mais numerosas, que vão sendo preparados para “tocar” o empreendimento agrícola em sua plenitude desde muito jovens. Um percentual muito pequeno dos rapazes entrevistados

trabalha em outra propriedade ou em Iracema do Oeste e todos os jovens pesquisados auxiliam/trabalham na propriedade. Assim os jovens são preparados para o trabalho com mais responsabilidade, com mais esforço físico para o manuseio dos instrumentos, transformando-os em jovens agricultores plenos desde muito cedo, no manuseio dos instrumentos e no conhecimento adquirido da geração anterior.

Com exceção dos jovens que trabalham fora da propriedade, os demais dependem completamente da vontade familiar, no que se refere à renda. A renda obtida do trabalho da maioria dos componentes da família não é distribuída, fica sob o poder do patriarca, denotando poucas mudanças nas relações familiares. O acesso à renda é almejado por jovens na maioria das pesquisas já realizadas. Ou seja, um problema comum vivenciado pela categoria em espaços e regiões diferentes, ora mais dinâmicas, ora mais precárias.

A falta de dinheiro é também um dos grandes limitadores ao acesso aos poucos equipamentos de lazer disponíveis na cidade, principalmente àqueles jovens inseridos na agricultura familiar, em municípios em que a renda supre apenas as necessidades básicas de alimentação, transporte e saúde como é o caso de Iracema do Oeste. Os hábitos de lazer e entretenimento dos jovens rurais de Iracema do Oeste são muito diferentes dos hábitos dos jovens de centros urbanos maiores. Isso se dá pela pouca oferta de equipamentos de lazer no município e pela dificuldade de locomoção até estes locais. A oferta de transporte em horários diferenciados nos finais de semana, bem como a pouca idade dos entrevistados, limita a saída destes jovens.

Em relação à utensílios outrora só disponibilizados aos jovens urbanos, atualmente maior dos entrevistados possuem televisor, aparelho de som, telefone fixo, telefone móvel (celular), computador, aparelhos de MP3 ou MP4, mas nenhum deles dispõe de internet em sua residência. Contudo, o acesso facilitado a bens de consumo outrora só encontrados no meio urbano não pontuou, não foi significativo na decisão por ficar ou sair do campo. Tampouco se confirma em relação à serviços urbanos, apesar da limitação percebida no que se refere à lazer. O mesmo se pode afirmar em relação às transformações dos espaços agrícolas. A diversificação agrícola pode ter gerado maior renda nas propriedades, porém não houve transferência de somas diretas aos jovens pesquisados. Por isso a hipótese defendida no presente estudo não se confirma. A idéia inicial defendia uma relação concreta entre o acesso à serviços e bens de consumo e a permanência dos jovens pesquisados no campo.

A relação entre a posse da terra e a permanência no campo se confirma, já que apenas 4% dos jovens cujas famílias não possuem propriedade própria intencionam ficar. O tamanho

da família também é uma variável significativa. Ou seja, os jovens pesquisados inseridos em famílias maiores manifestam intenção de migrar.

A escolaridade é uma das principais variáveis relacionadas à permanência no campo. A maioria dos jovens que possuem propriedade própria e intencionam migrar possuem uma escolaridade maior. Já os que possuem propriedade própria e pretendem ficar no campo, apresentam escolaridade inferior. Nenhum dos jovens que intencionam permanecer cursa ensino superior. O mesmo acontece em relação aos jovens que não residem em propriedades próprias. Assim a premissa levantada em muitos estudos também se confirma em Iracema do Oeste: Permanecem no campo os jovens de baixa escolaridade. O acesso à educação, ao conhecimento parece não apresentar importância aos jovens que ficam. Taxas de escolaridade mais elevadas representam a possibilidade de conquista de empregos melhores cuja renda garante a subsistência e uma melhor qualidade de vida.

Um grande percentual do público entrevistado tem idade inferior a 20 anos, uma amostra que representa um grupo expressivo de jovens que dependem totalmente da renda dos pais, ainda não pensam em constituir família, não possuem formação escolar, nem idade suficiente para assegurar um trabalho fora do campo capaz de garantir a subsistência dos mesmos, por isso a permanência no campo é a solução mais viável. Isso explica o grande percentual de jovens com menos de 20 anos que permanecem. A possibilidade de inserção no mercado de trabalho se dá na maioria das vezes, em detrimento de uma melhor formação escolar (tempo de estudo), garantido com o avanço da idade. Na mesma concepção vem a idéia de constituir a própria família. Por isso, a partir dos 20 anos a chance de migrar se acentua, diminuindo as possibilidades de permanência.

Destaca-se que poucos jovens estão participando de conselhos, associações, acompanhando orçamentos municipais, lutando por políticas públicas, tampouco apresentando propostas para a melhoria da comunidade em que vivem, e, sobretudo denotam pouca visibilidade perante a administração pública.

Diante do exposto, entende-se que é preciso promover uma ampla reflexão que busque responder se as atividades agrícolas conferem o status de profissão aos agricultores e de como a agricultura é vista pelo conjunto da sociedade no que diz respeito a sua função social. Porque visivelmente, os agricultores familiares e as organizações que os representam, ainda não destinam atenção ao tema, não como seria merecido.

Isso porque o maior de todos os desafios a serem enfrentados pela agricultura familiar é justamente assegurar a continuidade enquanto categoria social e econômica, categoria que é amplamente afetada pelas muitas transformações que vem ocorrendo no meio rural, e,

certamente encontra grandes dificuldades em se firmar positivamente, sem a continuidade assegurada pelos sucessores, os jovens rurais.

A inserção do tema da sucessão rural, das questões de gênero, de educação voltada para os anseios do meio rural devem ter prioridade nas discussões no que se refere à políticas para a manutenção e continuidade da agricultura familiar. Estas políticas não devem tratar apenas dos problemas referente à sucessão, educação, gênero e trabalho nas propriedades agrícolas.

Deve haver também uma preocupação com a reposição de lideranças em todas as instâncias especialmente em movimentos sindicais e comunidades religiosas, para que seja possível promover a conscientização da população rural para as mudanças necessárias a fim de assegurar a permanência dos jovens no campo.

A formação de órgãos somados aos já existentes que viabilizem a realização de cursos e encontros que promovam o planejamento e gestão para a sucessão da profissão de agricultor familiar se constitui em importante contribuição e pode significar um passo expressivo para dar um novo sentido à função social dos agricultores.

Assim se ressaltaria a importância da agricultura familiar, posta como elemento estratégico para a implementação das políticas públicas que visam o desenvolvimento rural, assegurando acima de tudo a permanência dos jovens no campo. Para tanto, deve-se aproximar e fortalecer relações institucionais com universidades, centros de pesquisa, a fim de produzir conhecimentos sobre o tema.

O assunto deve ser objeto de discussão intensa e ao mesmo tempo deve ampliar a inserção e discussão de temas relacionados com a educação no meio rural, inserindo conteúdos adequados à realidade da agricultura familiar, uma vez extintas as escolas rurais.

As discussões sobre pluriatividade devem ser ampliados já que a concretização desta se converte em uma alternativa de ampliação de renda nas propriedades rurais.

Na tentativa de conhecer os jovens rurais de Iracema do Oeste, surgiram questões de extrema relevância e que não puderam ser esgotadas nesta dissertação de mestrado, como, por exemplo, estudos mais aprofundados que busquem entender a relação entre agricultura familiar e pluriatividade em regiões mais dinâmicas economicamente e a permanência dos jovens rurais no campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWAY, Ricardo. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro, 2000. Texto para discussão nº 702 – IPEA.

_____. **Agricultura familiar e uso do solo**. São Paulo em perspectiva. v. 11, nº 2, PP. 73-78, 1997.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo. Atlas, 1994.

BADALOTTI, R. M.; RENK, A.; BERTONCELLO, A.; ROSSY, A. M.; AMARAL, E.; DALLAZEN, R. **Reprodução Social da Agricultura Familiar e Juventude Rural no Oeste Catarinense**. VII RAM - UFRGS, Porto Alegre, Brasil, 2007 - GT 01: **Antropología Económica y Ecológica**. Coordenação: Alejandro Balazote (UBA/UNLu, Argentina) e Maria José Reis (UFSC, Brasil).

BASILIO, Maria Divaneide. **Juventude Rural: Discutindo a Construção dessa Identidade**. Disponível em http://www.nead.gov.br/tmp/encontro/cdrom/gt/3/Maria_Divaneide_Basilio.pdf. Acesso:10-09-2007.

BEZERRA NETO, P. dos S. **O Novo Rural Potiguar: Os condicionantes de composição das rendas das famílias rurais no pólo de fruticultura irrigada Açú/Mossoró (RN)**. Mossoró: ESAM. 42p, 2000.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura; a situação da mulher na agricultura no Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 205-227, 2004.

_____. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: *VII Congreso Latinoamericano de Sociología Rural*, 2006, Quito (Equador). **Anais...**, 2006.

CAMARANO, Ana Amélia; ABRAMOVAY, Ricardo. **Êxodo Rural, Envelhecimento e Masculinização no Brasil: Panorama dos Últimos 50 Anos**. Rio de Janeiro, janeiro de 1999. TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 621 – IPEA.

CAMARANO, A. A.; ABRAMOVAY, R. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 15, n. 2, p. 45-66, jul./dez. 1998

CAMPOLIN, Aldalgiza Inês. **Educação Rural: Um Debate Necessário**. ADM – Artigo de Divulgação na Mídia, Embrapa Pantanal, Corumbá-MS, n. 87, p.1-3. nov. 2005.

CARNEIRO, Maria José. **Camponeses, agricultores e pluriatividade**. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.

_____. Do rural ao urbano: uma nova terminologia para uma velha dicotomia ou a reemergência da ruralidade (versão preliminar). **II Seminário sobre o rural brasileiro: a dinâmica das atividades agrícolas e não agrícolas no novo rural brasileiro**. Campinas: NEA/UNICAMP, 2001, p. 1-16 (Texto 7).

_____. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco C. T. da; SANTOS, Raimundo; COSTA, Luiz F. de C. (Org.). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998. p. 95-117.

_____. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Revista Estudos Femininos**, 2001, vol.9, n.1, p.22-55.

CASTELO BRANCO, Pedro Silveira. **Relatório Técnico-científico sobre os remanescentes de Quilombo de Bombas, Iporanga**. São Paulo: 2003.

CASTRO, Elisa Guaraná. Os jovens estão indo embora? – Juventude rural e reforma agrária, In: **Revista Proposta** nº 107/108 DEZ 2005/MAR 2006.

CORSEUIL, C. H; FOGUEL, M.N; SANTOS, D. D. **Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina**. Rio de Janeiro: IPEA, texto para discussão Nº 797, jun. 2001.

CORTES, S. M. V. Técnicas de coleta e análise qualitativa de dados. Caderno de Sociologia, Porto Alegre, v.9, 1998. p.11- 47.

DEL GROSSI, M. E.; SILVA, J. G. O novo rural brasileiro: uma atualização para 1992.98. In: **Encontro de Jovens Agricultores Cooperativistas a Caminho da Sustentabilidade**, 3, 2002.

DENCKER, Ada de Freitas M.. Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. São Paulo: Futura, 2000.

FREHSE, Fraya. As realidades que as "tribos urbanas" criam. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Feb. 2006, vol.21, no.60, p.171-174.

GASSON, R.; ERRINGTON, A. The farm family business. **Wallingford: Cab International, 1993**.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999. 206p.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GONTIJO, Cynthia Rúbia Braga. **Juventudes do Campo no Contexto de Ruralidades a Serem (Re)Construídas**: Um Estudo Exploratório em um Acampamento dos Sem-Terra, 2006. Disponível em: www.sociologia.ufsc.br/npms/cynthia_rubia_b_gontijo.pdf, (acessado em 22/08/2007).

GROPPO, Luís A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

HERVIEU, B. **L'Agriculture en Ruptures**. Alternatives Economiques, Paris, n.90, 1990 households. In: BOWLER I.; BRYANT, C.; NELLIS, D. Contemporary rural systems in transition allingford: Cab International, 1992.v. 1.MUNTON, R.; MARSDEN, T.; WARD, N. **Uneven agrarian development and the social relations of farm**.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo da população 2000**. Disponível em: <[http:// www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)> Acesso em : 10 de mai.2001.

LANDIN, Paula da Cruz. **Desenho de Paisagem Urbana: cidades do interior paulista**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: 3ª Ed. Atlas, 1996.

MELLO, M. A. de; ABRAMOWAY, R.; SILVESTRO, M. L.; DORIGON, C.; FERRARI, D. L.; TESTA, V. M. Sucessão hereditária e reprodução social da agricultura familiar. **Agricultura São Paulo**, SP, 50(1): p. 11-24, 2003.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 80p.

MORAES, A. F.; GOULARD, B.; OLIVEIRA, R. Reflexões Sobre a Cidade, seus Equipamentos Urbanos e a Influência destes na Qualidade de Vida da População. in **Revista Internacional Interdisciplinar INTERThesis**, vol. 5 n. 2. 30/11/2008.

PEREIRA, José Carlos Alves. **Jovens Rurais e Agricultura Familiar**: Desafios para a Modernidade. Disponível em: [www.nead.gov.br/tmp/encontro /cdrom/ gt/4/Jose Carlos_Pereira.pdf](http://www.nead.gov.br/tmp/encontro_cdrom_gt/4/Jose_Carlos_Pereira.pdf) – 2007.

PEREIRA, Jorge Luiz de Góes. Entre campo e cidade: amizade e ruralidade segundo jovens de Nova Friburgo. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de janeiro, v.12, n. 2, 2004a, PP.322-252.

Perfil da juventude brasileira. www.institutodecidadania.com.br. Acessado em 22/10/2005.

PERROT, Micelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. 3ª Ed. São Paulo. Paz eTerra, 2001.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. Projeto de estágio do curso de administração. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 1996.

ROSSATO, Alexania. Juventude, mídia e movimentos sociais camponeses: encontros e desencontros. **UNIrevista** - Vol. 1, nº 3 : julho 2006.

SCHUMAN, Breno. Os problemas sociológicos nas primeiras pesquisas sobre a juventude. *In: Vários. Sociologia da Juventude I*. Zahar, Rio de Janeiro, 1968.

SILVA, Graziliano da, J. **O novo rural brasileiro**. Campinas, UNICAMP, 1999. (Série Pesquisas 1).

SINGER, Paul. Migrações Internas: Considerações teóricas sobre o seu estudo. *In: Economia Política da Urbanização*. 14 ed. São Paulo: Contexto, 1998.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O Mundo Rural no Horizonte dos Jovens**. 2002. 275f. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

_____. O valor do casamento na agricultura familiar. *In: Revista Estudos feministas*, 12(1), 360, janeiro-abril/2004.

TEIXEIRA, N. J. de M.; FIGUEIREDO, L. C. Os jovens na sociedade japonesa: uma identificação demográfica. *In: Vários. Sociologia da juventude I*. Zahar, Rio de Janeiro, 1968.

As categorias de idade numa sociedade medieval. *In: Vários. Sociologia da Juventude III*. Zahar, Rio de Janeiro, 1968.

TOLEDO, Eliziário Noé Boeira. **A juventude rural e os desafios sucessórios nas unidades familiares de reprodução**. Disponível em: http://www.rel-uita.org/agricultura/desafios_juventude_rural.htm. Acesso em 22 de setembro de 2008.

TORRES, Maria Guadalupe Cortés. El Equipamiento Urbano de La Educación Superior em La ZMCM. *In: Revista Gestión y Estrategia*. 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**.

VERGARA, Sylvia Constant. Relatórios de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas, 2000.

SPANEVERELLO, R. M.; LAGO, A.; VELA, H. Juventude rural: associativismo e lazer como forma de desenvolvimento social. In: VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO LATINO – AMERICANA DE SOCIOLOGIA RURAL, 2002, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Associação Latino – Americana de Sociologia Rural, 2002. p.1555 – 1557.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. Urbanização e ruralidade: relações entre a pequena cidade e o mundo rural; estudo preliminar sobre os pequenos municípios em Pernambuco. In: Eliano Sérgio Azevedo Lopes *et.al.* (orgs.) **Ensaio - Desenvolvimento rural e transformações na agricultura.** Sergipe: EMBRAPA Tabuleiros Costeiros/Universidade Federal de Sergipe, 2002.

WANDERLEY, M. de N. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: **Agricultura Familiar: realidades e perspectivas.** 3.ed. Passo Fundo: UPF, 2001. Cap.1, p.21- 55.

WORTMANN, E. F. **Da complementaridade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades “pesqueiras” no nordeste.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.18, n.7, p. 41-61, fev. 1992.

ANEXOS:**QUESTIONÁRIO APLICADO PARA A COLETA DE DADOS****JOVENS RURAIS DE IRACEMA DO OESTE - PR**

Esse é um instrumento de coleta de dados para um estudo cuja finalidade é verificar as principais motivações de jovens rurais de Iracema do Oeste pela permanência do campo. As questões referem-se a situação sócio-econômica, idade, sexo, escolaridade, renda, lazer e família. As respostas serão mantidas em sigilo, por isso, por favor responda todas as questões deste questionário.

Este questionário deverá ser preenchido por jovens rurais de Iracema do Oeste. Em caso de dúvida consulte a instrutora.

1. IDADE:**2.SEXO:** masculino () feminino ()**3. ESCOLARIDADE:**

Você está estudando atualmente? () sim () não

Se sim: em que série ou ano você está?

Se não: até que ano você estudou? _____

Analfabeto ()

em alfabetização ()

supletivo 1ª a 4ª série ()

Supletivo 5ª a 8ª série ()

5ª série ()

6ª série ()

7ª série ()

8ª série ()

supletivo ensino médio ()

1º ano Ensino Médio ()

2º ano Ensino Médio ()

3º ano Ensino médio ()

Pós-médio ()

Ensino superior incompleto ()

Ensino superior completo ()

Outros () – qual? _____

4. TAMANHO DA FAMÍLIA:

Por quantas pessoas sua família é composta?

5. TIPO DE PROPRIEDADE:

Sua família reside em propriedade própria?

Sim () não ()

6. TAMANHO DA PROPRIEDADE:

Qual é o tamanho da propriedade onde residem? _____

7. DISTÂNCIA DA PROPRIEDADE:

Qual é a distância de sua residência rural da cidade de Iracema do Oeste? _____

8. TRABALHO:

Com relação ao trabalho, atualmente qual é a sua situação?

Ajudo na lavoura () Cuido da criação de animais () Ajudo nos trabalhos domésticos ()

Não trabalho () Porque: _____

Trabalho em outra propriedade sendo remunerado para tal () Qual a renda? _____

Trabalho na cidade de Iracema do Oeste () em que: _____

Trabalha em cidades próximas () em que: _____

Outros: _____

9. UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS E SERVIÇOS:

Dos utensílios abaixo assinale aqueles que você e sua família utilizam em casa:

TV () Telefone fixo () TV a cabo () Aparelho de som ()

MP3 () MP4 () Computador () Internet ()

10. LAZER

a) Você vai ao cinema?

Sim () Não ()

Se sim com que frequência? _____

Se não porquê? _____

b) Você frequenta Shopping Centers?

Sim () Não ()

Se sim com que frequência? _____

Se não porquê? _____

c) Você vai à espetáculos de teatro? Sim () Não ()

Se sim com que frequência? _____

Se não porquê? _____

d) O que você faz nas horas livres? visita os amigos () Encontra com amigos ()

Vai à festas da Igreja () Vai à festas na cidade () Freqüenta boates ()

Frequenta piscinas e clubes () Freqüenta bares () Freqüenta restaurantes ()

Outras opções: _____

e) Qual é o melhor lugar para encontrar os amigos? _____

f) O que você e seus amigos fazem nestes encontros? _____

g) Você tem liberdade para sair, se divertir?

Sim () Não ()

Fale um pouco sobre isso: _____

11. RELACIONAMENTOS:

Atualmente qual é a sua situação conjugal?

Solteiro (a) () Solteiro apenas paquerando ()

Solteiro namorando jovem rural () Solteiro namorando jovem da cidade ()

Solteiro (a) noivo(a) parceiro (a) do campo () Solteiro (a) noivo (a) parceiro cidade ()

Ao casar pretendem morar no campo ou na cidade? _____

Casado () Divorciado () Outros: _____

12. VEÍCULOS DA FAMÍLIA:

Quais os veículos de transporte que pertencem à sua família?

Carro de passeio () Trator () Ônibus () Van ()

Caminhão () Colhetadeira () Charrete () Moto ()

Outros: _____

13. RENDA FAMILIAR:

a) Qual é a renda da sua família somando todos os componentes de sua família? _____

b) Qual é a sua renda?

c) Caso não trabalhe fora da propriedade, qual é a sua remuneração? Você ganha “mesada”?

Sim () Não () - Comente: _____

14. AS DECISÕES FAMILIARES:

Você participa das decisões tomadas na sua família? Sim () Não ()

Se não porque? _____

15. A VIDA NO CAMPO

a) Você gosta de viver no campo? Sim () Não ()

Porque? _____

b) Você pretende viver para sempre no campo? Sim () Não ()

Porque? _____

16. PRODUÇÃO AGRÍCOLA:

a) O que é produzido na propriedade da sua família?
